



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Breno Pereira Damascena

O Arquétipo do Jornalista no Cinema

Brasília-DF

2/2015



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Breno Pereira Damascena

O Arquétipo do Jornalista no Cinema

Produto de monografia para conclusão da graduação
no curso de **Comunicação Social** com
habilitação em **Jornalismo** pela
Universidade de Brasília.
Orientador: **Prof. Dr. João Lanari Bo**

Brasília-DF

2/2015

O Arquétipo do Jornalista no Cinema

Breno Pereira Damascena

Aprovado em 30 de Novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. João Batista Lanari Bo (Orientador)

Prof. Paulo José Cunha

Prof. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

Prof. Gilberto Costa (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Dedico o trabalho ao meu pai, que eu só vi chorar duas vezes: quando eu passei no vestibular e quando assistimos *Toy Story 3* juntos. À minha mãe, que me apoia incondicionalmente e me ensinou a gostar (e acreditar) de histórias românticas. Ao meu irmão Matheus, que me fez assistir centenas de animações quando achei que “já era velho demais” e me faz buscar o meu melhor para ser um bom exemplo. Agradeço, também, aos meus amigos e amigas, que são o combustível para que eu continue seguindo e perdoam minha mania de preferir ir ao cinema sozinho. Ao professor João Lanari, que acreditou no meu potencial aceitando o grande desafio (admito) de me orientar e que indicou importantes filmes que nortearam esse trabalho.

Dedico, também, à todas as obras que construíram o meu caráter e minha personalidade. Quando lembro da infância, o que vem a minha cabeça são os filmes de terror que eu assistia escondido dos meus pais ou as idas e vindas que eu fazia a locadora. Foi com *Forrest Gump* que aprendi que a vida é como uma caixa de chocolate e você nunca sabe o que vai encontrar. Em *Curtindo a Vida Adoidado* entendi que a vida passa muito rápido e se você não parar de vez em quando para curtir ela passa e a gente nem percebe. Assistindo *Compramos um Zoológico* percebi que, às vezes, tudo o que precisamos é de 20 segundos de coragem para mudar tudo. Em *Gladiador* me ensinaram que o que fazemos na vida ecoa por toda a eternidade.

SUMÁRIO

| | | |
|--------|--|----|
| 1 | Introdução | 5 |
| 1.1 | A Influência do Cinema | 7 |
| 1.2 | O Jornalista no Cinema | 11 |
| 2 | Referencial Teórico-Metodológico..... | 17 |
| 2.1 | Metodologia..... | 17 |
| 2.2 | Arquétipos e Inconsciente Coletivo | 19 |
| 3 | Desenvolvimento..... | 22 |
| 3.1 | Filmes..... | 22 |
| 3.1.1 | <i>Homem-Aranha</i> | 22 |
| 3.1.2 | <i>Cidade de Deus</i> | 24 |
| 3.1.3 | <i>Apocalypse Now</i> | 27 |
| 3.1.4 | <i>Diamante de Sangue</i> | 28 |
| 3.1.5 | <i>Cidadão Kane</i> | 29 |
| 3.1.6 | <i>O Diabo Veste Prada</i> | 30 |
| 3.1.7 | <i>A Entrevista</i> | 32 |
| 3.1.8 | <i>O Abutre</i> | 34 |
| 3.1.9 | <i>Medo e Delírio</i> | 35 |
| 3.1.10 | <i>Quase Famosos</i> | 36 |
| 3.2 | O Arquétipo do Jornalista..... | 38 |
| 3.2.1 | O Narrador | 38 |
| 3.2.2 | O Investigador..... | 39 |
| 3.2.3 | O Pária | 41 |
| 3.2.4 | O Questionador..... | 43 |
| 3.2.5 | O Idealista | 44 |
| 3.2.6 | O Corrompido..... | 46 |
| 3.2.7 | O Manipulador..... | 48 |
| 4 | Conclusão | 50 |
| 5 | Referências Bibliográficas | 54 |
| 5.1 | Livros..... | 54 |
| 5.2 | Artigos e monografias | 54 |
| 5.3 | Internet..... | 55 |

RESUMO

Levando em consideração o grande número de obras que retratam a imprensa no cinema e como essa representação pode influenciar e estabelecer tipos e mitos no público, esse trabalho busca identificar, prospectar e analisar os arquétipos mais comuns dados aos jornalistas nos filmes que abordam o tema. Utilizando os filmes mais populares que apresentam, de alguma forma, esse personagem, foi realizado estudo da representação do tipo de jornalismo empregado na produção audiovisual e como o arquétipo do jornalista apresentado pode se relacionar com o momento e contexto em que o filme foi realizado. Para tal, foram examinados diversos autores e autoras que, de alguma forma, já trataram desse conteúdo e levaram o tópico para discussão.

Palavras-chave

Cinema, Jornalismo, Jornalista, Arquétipo, Representação, Filmes,

LISTAS DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Capa do Clarim Diário procurando fotos do Homem-Aranha. Trecho retirado do filme Homem-Aranha (Spider-Man, 2002, EUA) | 24 |
| Figura 2 – Fotógrafo tirando fotos de um morto na Cidade de Deus. Trecho retirado do Filme Cidade de Deus (Brasil, 2002) | 25 |
| Figura 3 – Maddy Bowen (Jennifer Connelly) escondida para fotografar Solomon Vandy (Djimon Hounsou) entregando o diamante de sangue para autoridade. Trecho retirado do filme Diamante de Sangue (Blood Diamond, EUA, 2006) | 40 |
| Figura 4 – Buscapé (Alexandre Rodrigues) fotografando a maior gangue da Cidade de Deus. Trecho retirado do Filme Cidade de Deus (Brasil, 2002) | 46 |
| Figura 5 – O Fotojornalista (Dennis Hopper) participando da recepção dos soldados do exército americano. Trecho retirado do Filme Apocalypse Now (EUA, 1979) | 47 |
| Figura 6 – Louis Bloom (Jake Gyllenhaal) arrastando um corpo para alterar uma cena em benefício próprio. Trecho retirado do Filme O Abutre (Nightcrawler, EUA, 2014) | 52 |

1 Introdução

É notório que o cinema é um dos maiores veículos da industrial cultural. Movimenta bilhões de dólares por ano e tem o poder de influenciar milhões de pessoas. Por meio dos filmes exibidos, o público conhece lugares, pessoas relevantes, fatos históricos, modifica pensamentos, constrói experiências e cria expectativas sobre um determinado grupo, tipo de pessoa ou papel social. Assim, o cinema deixa de ser apenas entretenimento e se torna influenciador do meio coletivo e do contexto em que está inserido.

Como obra audiovisual, o cinema tem o poder de chamar atenção para uma causa, criar lendas e estabelecer mitos para a audiência. Essas obras possuem a capacidade de causar impacto na maneira como um povo, grupo de pessoas ou indivíduo percebe um determinado momento histórico, um personagem importante e, como pretendo abordar nessa monografia, de fortalecer um arquétipo delineado.

No decorrer da história, tipos, etnias e credos foram representados de diferentes modos. A cultura pop constrói e retrata modelos padrões na sociedade. Desde grupos de pessoas, tipos de ideologias até ocupações, que recebem tratamento especial para facilitar a identificação e reforçar a expectativa do público. Em diversas situações, o cinema expõe profissões de maneiras heroicas, apontando momentos memoráveis e épicos. Advogados, médicos, policiais e até corretores da bolsa são apresentados como pessoas únicas e especiais.

No entanto, uma profissão se destaca no universo cinematográfico pela proposta apresentada em várias obras: o jornalista. Seja como herói, vilão ou diversos outros arquétipos identificáveis. Quando, por exemplo, ele é lembrado e retratado ao público como um investigador, pesquisador, um homem sem medo que, enquanto apura, investiga, redige e grava, corre perigo constante, enfrentando obstáculos e promovendo mudanças no mundo em que vive; ou quando ele é mostrado como uma pessoa sem escrúpulos, que, em busca do furo, da matéria bombástica e de fontes essenciais, passa por cima de princípios, ignora leis e se deixa levar pela vontade de terceiros, fontes e dos próprios interesses.

Esta monografia busca examinar, prospectar e analisar a maneira como o jornalista é retratado no âmbito cinematográfico de filmes com maior relevância e mais lembrados pelo público. De que forma essa representação pode influenciar a visão da sociedade sobre a profissão, como os estereótipos se formam, como os arquétipos são apresentados e como

são as mudanças sofridas pelo modo como o jornalista é retratado de acordo com a produção e com os interesses envolvidos na realização do filme.

1.1 A Influência do Cinema

Em 1885, quando o trem dos Irmãos Lumière não atropelou o público presente para assistir a primeira exibição pública de uma imagem em movimento, os espectadores testemunharam a sequência de eventos ordenados que viria a ser o cinema. Do primeiro cinematógrafo à sala de Cinema com exibição em 4k e óculos 3d, os filmes sofreram diversas modificações, de ordem técnica, cultural e de produção. No entanto, as obras audiovisuais representam, desde os primórdios, um importante instrumento de entretenimento, manipulação e, principalmente, de influência.

Nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, os administradores coloniais franceses frequentemente organizavam sessões de cinema na África. O Objetivo, é claro, era divertir, proporcionar o entretenimento da moda, mas também demonstrar às populações africanas subjugadas a incontestável supremacia das nações brancas. O cinema, invenção recente dentre muitas do Ocidente industrializado, era o produto de um encontro histórico entre teatro, *vaudeville*, *music hall*, pintura, fotografia e toda uma série de progressos técnicos. Assim, ajudava a exaltar as qualidades da civilização branca de classe média que lhe deu origem. (CARRIÈRE, 1994, p. 11)

É por meio do cinema que milhões de indivíduos têm acesso a distintas perspectivas acerca do mundo. Uma forma de arte dinâmica que auxilia diversas pessoas no processo de aprendizado e obtenção de conhecimento. Além de proporcionar entretenimento e diversão, alguns filmes se revelam como obras responsáveis por criar questionamentos, gerar mudanças sociais e contribuir para a educação política, geopolítica e social dos indivíduos.

A importância da repercussão e influência do cinema na vida das pessoas é percebida no cotidiano. Por exemplo, empresas que utilizam filmes com histórias impactantes para fortalecer o espírito de equipe e motivação nos funcionários, ou professores que apresentam obras cinematográficas em escolas para reforçar o conhecimento de determinado assunto.

No cinema, o espectador é colocado diante de situações costumeiramente novas e sob o aspecto escolhido pelo diretor. Os filmes contam histórias passadas em algum ponto do globo e apresentam a realidade, o contexto e a situação local. No entanto essa representação é feita a partir da visão e do enquadramento da produção. A realidade que o público conhece pelo cinema é definida pela escolha e filtragem dos realizadores.

Estamos propensos a todas essas distorções, até em tempos de paz, mesmo quando se trata de acontecimentos triviais, insípidos, comuns. A rede de imagens que nos cerca é tão densa, tecida de forma tão intrincada, que é quase impossível não ceder a uma espécie de indolência mental, uma sonolência intelectual que permite a invasão de mentiras - exatamente como, no passado, sentinelas bêbados ou exaustos, em cidades sitiadas, adormeciam, permitindo que o inimigo entrasse. A “verdade” de uma foto, ou de um cinejornal, ou de qualquer tipo de relato, é, obviamente, bastante relativa, porque nós só vemos o que a câmera vê, só ouvimos o que nos dizem. Não vemos o que alguém decidiu que não deveríamos ver, ou o que os criadores dessas imagens não viram. E, acima de tudo, não vemos o que não queremos ver. (CARRIÈRE, 1994, p. 55)

Apenas para listar alguns breves exemplos da forma que a realidade pode ser detalhada, o clássico *Manhattan* (EUA, 1979), de Woody Allen, retrata a Nova York perfeita, com encontros românticos no Central Parque e as luzes impressionantes da *Times Square*. Em *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* (*Le fabuleux destin d'Amélie Poulain*, França, 2001), Paris entra em cena com estereótipos e personificações de pensamentos comuns ao público. Após o filme, o *Café des 2 Moulins*, local em que a personagem principal trabalha, atraiu fãs de diversas regiões do mundo. Já em *O Último Rei da Escócia* (*The Last King of Scotland*, EUA/Reino Unido, 2006), uma Uganda complexa e marcada por repetitivos conflitos internos é apresentada. O filme de Kevin Macdonald traz a realidade histórica e busca fazer uma crítica aos governos ditatoriais que ameaçam todo o globo.

O trabalho de apresentar um contexto, situação ou realidade é repetido com exaustão, numa tentativa de chamar a atenção do mundo para uma causa, iniciativa ou problema social. Em *Tempos Modernos* (*Modern Times*, EUA, 1936), Charles Chaplin se manifesta, mesmo que de maneira informal, contra o capitalismo, o imperialismo e o fordismo. Luis Buñuel apresenta em *O Discreto Charme da Burguesia* (*Le charme discret de la bourgeoisie*, França/Itália/Espanha, 1972), uma crítica aos costumes e hipocrisias da vida social burguesa na época. *O Som ao Redor* (Brasil, 2012), de Kleber Mendonça Filho, é uma crônica que discute história, violência e desigualdade social no Brasil.

A linguagem utilizada e a intenção dos realizadores definem qual o rumo que o filme vai seguir e quais as mensagens e manifestações que ele vai transferir ao público. A representação de um grupo na tela reflete a condição pensada pelo diretor. Em *Trainspotting - Sem limites* (*Trainspotting*, Reino Unido, 1996), Danny Boyle transporta o espectador ao mundo das drogas sem luxos e idolatria. Aqui, a droga heroína causa a destruição na vida de um grupo de jovens e as consequências são graves e irreversíveis.

Farrapo Humano (*The Lost Weekend*, EUA, 1945) apresenta o sofrimento originado pelo alcoolismo de forma nua e crua. No entanto, outros filmes mostram as drogas de maneira controversa, como *Se Beber Não Case* (*The Hangover*, EUA, 2009), que transforma o álcool e outros ilícitos em pretextos para a diversão.

Publicada na revista *Pediatrics*, em 2012, a pesquisa intitulada *Influence of Motion Picture Rating on Adolescent Response to Movie Smoking*, concluiu que cenas de fumo no cinema deixam os adolescentes mais propensos ao tabagismo, independentemente da classificação etária ou do conteúdo dos filmes. Um total de 6.522 jovens entre 10 e 14 anos de idade foram questionados, durante dois anos, a cada oito meses, se fumavam e quais filmes dentre aqueles que tiveram as maiores bilheterias do ano anterior eles haviam assistido. A partir da lista de filmes, os autores quantificaram as cenas de fumo às quais os adolescentes haviam sido expostos.

De acordo com os resultados, os jovens que assistiram o maior número de cenas de fumo no período da pesquisa se tornaram 50% mais propensos a fumar do que aqueles que foram expostos a menos cenas. A influência foi a mesma tanto em relação a filmes com classificação R (classificação dos Estados Unidos que permite que um jovem de 17 anos ou menos assista a um filme somente na companhia de alguém maior do que 21 anos) quanto com classificação PG-13.

Seguindo os mesmos parâmetros e delimitações, a pesquisa *Comparing media and family predictors of alcohol use: a cohort study of US adolescents*, publicada na revista *British Medical Journal Open*, em 2012, observou que filmes que mostram o consumo de álcool representam o terceiro maior fator de risco para se adquirir o hábito. A exposição a filmes com esse conteúdo pode ser mais perigosa do que ter pais ausentes ou pais que bebem, ter muito dinheiro em mãos, ou ainda ter álcool disponível em casa.

De acordo com os pesquisadores, a exposição a cenas de consumo de álcool no cinema foi o terceiro maior fator de risco para adolescentes começarem a beber, sendo responsável por 28% do início do consumo de álcool e 20% da mudança para o uso constante.

Assim, o cinema perde o aspecto de pura diversão e a recepção da audiência se reflete na maneira como as coisas serão vistas, entendidas e replicadas. O que é colocado em tela ganha o aspecto de obra transformadora do seu meio e as descrições desenvolvidas nas narrativas são reflexos da conjuntura em que ele está inserido, em

conjunto com as ambições dos responsáveis pela produção da obra e fatores externos, como revoluções, mudanças de comportamento e pressão social.

Dentro desse prisma, o modo como as profissões são apresentadas nas películas podem moldar a forma que o chamado público vê e entende essas ocupações. Como um advogado que, quando é visto pelas pessoas sem ligação com o universo jurídico, é imaginado a partir de um estereótipo específico (na maioria das vezes, um homem bem articulado, especialista em relações interpessoais e com excelente capacidade argumentativa). Vide *Advogado do Diabo* (*The Devil's Advocate*, EUA, 1997), que questiona os limites éticos da profissão e *Filadélfia* (*Philadelphia*, EUA, 1993), onde Denzel Washington interpreta um advogado homofóbico que defende um homossexual no tribunal.

O médico, em diversas situações, é retratado como um ser altruísta, inteligente e preparado para agir em situações extremas: como o simpático Patch Adams, interpretado por Robbin Williams em *Patch Adams – O Amor é Contagioso* (*Patch Adams*, EUA, 1998) e *Tempo de Despertar* (*Awakenings*, EUA, 1990), onde o mesmo Robbin Williams atua ao lado de Robert De Niro em um drama abordando o tratamento contra o Mal de Parkinson.

A profissão do policial ganhou, por sua vez, um subgênero apenas para tratar da temática. Ambientadas em diversas épocas, cenários e abordando diferentes estereótipos da ocupação, o cinema apresenta desde bons policiais que lutam pelo cidadão e para proteger a lei a policiais desonestos que corrompem o sistema, fazem queima de arquivos e participam dos crimes que eles deveriam investigar.

Clint Eastwood interpreta um policial que não respeita as fronteiras éticas para proteger os inocentes e punir os bandidos, construindo a sua própria versão de justiça em *Dirty Harry* (*Dirty Harry*, EUA, 102 min). Já John McClane (Bruce Willis) em certos momentos é quase um super-herói para conseguir manter o controle da situação em *Duro de Matar* (*Die Hard*, EUA, 1988).

Assim, através da incessante efervescência técnica que é sua marca registrada, o cinema (ainda que possa parecer apressado, às vezes até convulsivo, excessivo, estridente) desempenhou um papel insubstituível na exploração de associações. Em primeiro lugar, porque vive exclusivamente de associações: entre imagens, emoções, personagens. Mas também porque sua técnica e sua linguagem particulares permitiram que ele empreendesse notáveis viagens exploratórias, as

quais, sem que nós os percebêssemos, influenciaram todas as artes próximas, talvez até mesmo nossa conduta pessoal. (CARRIÈRE, 1994, p. 33)

1.2 O Jornalista no Cinema

O cinema age como simulacro das mais diferentes realidades, sintonias e definições. É propagador de imensa variedade de tipos, costumes, modas e realidades.

Com pouco mais de 100 anos, uma grande quantidade de personagens foi interpretada e representada pela linguagem cinematográfica. Desde os tipos mais comuns e básicos aos peculiares e complexos. Essa tendência a colocar parte da história do mundo em tela se revelou como importante modo de retratar um contexto, refletindo fragmentos da verdade.

Sendo um dos principais meios de comunicação e fonte de informação, o cinema tem a capacidade de transportar o espectador ao passado, especular o futuro, recriar vidas, mostrar ideias novas, debater questões sociais e criticar a sociedade. O universo do cinema revela, não só familiaridades e tipos comuns, como apresenta situações totalmente novas e estranhas. Alguns personagens e tipos são repetidos com exaustão nas películas e obras cinematográficas. Entre eles, se encontra o jornalista, que é protagonista e coadjuvante de um grande número de filmes.

O jornalista foi identificado no cinema como portador de uma sólida e irredutível vocação, tomada nos mesmos moldes que se prestaram à definição do caráter das personagens dos gêneros cinematográficos. Apenas superados pelas revoluções do pensamento dos séculos XIX e XX, os filmes de gênero sempre consideram o caráter como um conjunto de qualidades e características impressos com o nascimento, cuja origem se perde com o mistério de vida. Focalizada segundo esse mesmo ponto de vista como um dom inato da personagem, a vocação jornalística viria a reatar com a noção de origem, reintroduzindo com toda a sua pujança o elemento mítico na sua biografia precária e alçando-o a uma plenitude de existência decisiva para sua fixação como personagem do cinema. (SENRA, 1997, p 56)

As diferentes formas que os filmes retrataram o profissional resultam em visões positivas e negativas, idolátricas e repulsivas e são efeito da influência dos arquétipos de representação de determinado tipo. Essas obras contribuem para a criação de mitos e estereótipos para o profissional de imprensa. O público, a partir dessas definições pré-estabelecidas, tende a aceitar os retratos como verdadeiros. O cinema pode ter o poder de enaltecer ou destruir a profissão para a audiência.

A importância da figura do jornalista tem despertado um interesse contínuo no cinema desde as primeiras décadas do século XX. À sua maneira, algumas vezes realista e outras nem tanto, o cinema tem mostrado, ao longo de sua existência, como se dá a busca pela notícia, o que move um repórter, como o profissional lida com a ética – questões que apenas quem convive diariamente com a produção da informação conhece. (DÁVILA, 2003, p.16)

Definida a intenção da película, é feito um recorte que atenda as expectativas iniciais e apresentem o personagem como produto do meio e respondendo a determinado contexto. A partir dessa visão, a audiência constrói uma perspectiva do profissional e atribui a ele determinadas características, posicionamentos, atitudes e ações. A criação deste arquétipo se torna relevante, significativa e, para algumas pessoas, a única versão; a realidade. E essa contraposição entre os retratos de herói e vilão para o profissional do jornalismo é estabelecida pelos produtores da obra a partir de um ponto de vista, especificação ou necessidade escolhida.

O cinema, claro, é o grande selecionador. Os limites da tela são delineados geometricamente, bem definidos. Tudo em volta deles é sombra. Existe o que está na tela - um bombardeio de fótons organizados- e existe o que não está na tela - o enevoado, o escuro, o imperceptível, o invisível. E, mesmo dentro daquele luminoso espaço retangular, somente as imagens bem definidas são visíveis, aquelas que estão em foco; todas as outras são nebulosas, e nossos olhos simplesmente as ignoram. Assim, nesse espaço cercado, na própria tela, a tecnologia pode estabelecer uma divisão a mais, jogando luz contra a sombra, nitidez na turvação. O centro do quadro é o ponto para onde o dedo invisível está apontando. Olhe apenas para o que eu escolhi mostrar a você. (CARRIÈRE, 1994, p 62)

O Poder da Imprensa (The Power of The Press, EUA, 1909), considerado o primeiro “filme de jornalista”, abriu as portas para uma série de filmes que ambientariam seus roteiros dentro desse universo. Essa película, dirigida por Van Dyke Brooke, conta a história de um prefeito desonesto de uma cidade pequena que tenta corromper o novo editor do jornal local e, após receber uma recusa, faz de tudo para acabar com sua reputação. Nessa obra, surgiu o primeiro jornalista “herói” retratado no cinema, como aponta Ricardo Stabolito Junior, que abordou a representação do jornalista e do jornalismo no cinema norte-americano da década de 2000 no seu projeto de pós-graduação para a obtenção do grau de especialista em Jornalismo e Convergência Midiática, pela Faculdade Social da Bahia (FSBA).

“Em busca da notícia e buscando levar a verdade ao público, o protagonista da obra se coloca contra o poder estabelecido para denunciar a corrupção na cidade” (STABOLITO. Disponível no blog Jornalismo e Cinema). Esse recorte como herói se repetiu em diversas películas. Um dos mais conhecidos e relevantes é o filme *Todos os homens do Presidente* (*All the president's men*, EUA, 1976), de Alan J. Pakula. Retrutando a história real dos repórteres Carl Bernstein e Bob Woodward, que atuando no jornal Washington Post, desmascaram uma das maiores, senão a maior conspiração da história: o caso Watergate. Assumindo os riscos que a investigação, apuração e redação que a série de reportagens poderia causar, eles não desistiram e conseguiram revelar um escândalo que mais tarde levou à renúncia do então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon.

O enfoque dado pela produção mostra a força do jornalismo na sociedade e as obrigações que o jornalista assume. O dever de apresentar os fatos como eles realmente ocorreram, a busca pelas fontes e a luta contra o tempo para tirar os leitores da escuridão estabelecem o jornalismo, nesse filme, como o “quarto poder”. Como indica Isabel Travancas em sua dissertação apresentada no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, *Jornalista como Personagem de Cinema*:

Bernstein e Woodward assumem o papel de investigadores de um caso dado como encerrado pela polícia em função dos dados que possuíam e do “faro” jornalístico. É o cinema enfatizando que esta é também a missão do jornalista, principalmente se os motivos da busca não são a vaidade pessoal e a obtenção de sucesso, fama e dinheiro, mas ajudar a sociedade na solução de seus problemas. O que, se analisarmos com atenção, é extremamente discutível, uma vez que não é dada esta autorização ao jornalista. Ele não pode representar a lei ou se colocar acima dela quando a justiça ou a polícia não se mostram capazes. Esta imagem do jornalista-investigador ou detetive é uma matriz da ideia emblemática da imprensa como quarto poder. A imprensa ocupa este lugar de Quarta instituição nas sociedades modernas, posterior ao poder Legislativo, Judiciário e Executivo, atuando com uma força e importância enormes. E tem a aprovação do público, como vem sendo demonstrado nas inúmeras pesquisas de opinião no Brasil. Este público já demonstrou, em diversas situações, que a imprensa tem mais credibilidade que os três poderes. (TRAVANCAS, 2002, p 6)

O filme também coloca em tela uma característica típica para grande parte dos jornalistas. É quase impossível desvincular sua vida pessoal da profissional. Nesse ofício não existe “horário de trabalho”. O jornalista deve ficar atento a todo momento em reviravoltas, novidades e temas que merecem apreciação. Os repórteres sofrem as consequências do caso na pele. Seus telefones são grampeados, autoridades se colocam contra eles e o público questiona constantemente a honestidade e integridade deles. Em

certo momento, pensam que estão correndo risco de vida pelo universo em que estão envolvidos.

Além de abordar a importância do jornalista para o funcionamento da democracia e na busca pela veracidade, esta obra ressaltava características e fundamentos necessários para o exercício da profissão. Entre uma página e outra, os repórteres interpretados por Dustin Hoffman e Robert Redford utilizam fontes anônimas, como o famoso *Deep Throat* (Garganta profunda). E mesmo após toda a repercussão do caso, os jornalistas não identificaram o relator por mais de 30 anos: somente em 2005, William Mark Felt, Diretor Assistente do FBI, foi a público assumir sua identidade.

A obra acompanha, ainda, a rotina de uma redação, com reuniões de pauta, o relacionamento entre os repórteres, a necessidade de ter bons contatos e outros pontos específicos que são estudados exaustivamente nas faculdades de jornalismo em todo o mundo.

O filme traça passo a passo a cobertura do caso Watergate pelos dois repórteres do jornal democrata da capital norte-americana. Esta obra mais do que as outras duas enfatiza a rotina da redação, exibe as reuniões de pauta, as discussões entre repórteres e editores, e os relacionamentos do jornalista com as suas fontes. Em suma tenta descrever o processo de produção e redação da notícia. E no caso, de uma notícia, de uma reportagem bastante especial, já que levou à renúncia o presidente do Estados Unidos – uma reportagem emblemática do papel e da força da imprensa na sociedade moderna. (TRAVANCAS, 2002, p 9)

No entanto, o mesmo poder que o cinema tem para criar heróis, tem para sugerir vilões no inconsciente do público. Por exemplo, a história contada em *A Montanha dos Sete Abutres* (*Ace in the hole / The big carnival*, EUA, 1951), de Billy Wilder, apresenta um jornalista sem escrúpulos, que faz tudo para conseguir se promover. Charles Tatum, interpretado por Kirk Douglas, é obrigado a trabalhar em um pequeno jornal de uma cidade no Novo México. Atrás do furo que o possa tirar do anonimato, encontra um homem soterrado em uma caverna e enxerga a oportunidade de ascensão na carreira. Ele manipula as pessoas em sua volta, inclusive policiais, para transformar a tragédia em sensacionalismo e conseguir sair do ostracismo em que se encontrava. O resgate é adiado até que uma doença mata a vítima e acaba com os planos do jornalista.

Aqui, a plateia é apresentada ao tipo de profissional, que não mede esforços para transformar qualquer acontecimento em notícia. Ele é capaz de omitir verdades, manipular pessoas e se colocar como personagem do acontecimento para alcançar sua audiência. Essa obra chama a atenção, ainda que de maneira exagerada, para uma atividade comum no cotidiano da imprensa: a obrigação de “dar o furo”, alcançar o prestígio e vender uma informação a qualquer custo.

O filme é inspirado na história real de Floyd Collins que, em 1925, ficou preso durante dezoito dias numa caverna em Kentucky. Noticiada por toda a imprensa sensacionalista, a agonia do indivíduo se tornou significativa e atraiu pessoas de diversas partes do país, que queriam assistir o sofrimento dele ao vivo.

Além da crítica habitual atribuída a esse tipo de jornalista e à chamada “imprensa marrom”, o filme chama atenção para a ética do profissional de comunicação e questiona sua imparcialidade. Necessária para o exercício das atividades que a profissão exige, tal característica é rapidamente deixada de lado e Charles Tatum se coloca como um dos protagonistas da história, interferindo nas ações e influenciando o andamento dos acontecimentos. Ele comanda as operações de resgate a partir de critério pessoal e egoísta, sem se preocupar com o destino da vítima.

A perspectiva de Wilder neste filme em muito se assemelha à ideia de Adorno e Horkheimer (1991) da indústria cultural como uma indústria da diversão cuja ideologia é o lucro. Quando o filme exhibe o “circo” criado em torno da montanha, formado por visitantes das mais diversas regiões do Estados Unidos que vieram “participar” e se divertir com o salvamento de Leo Mimosa, assim como quando Charles Tatum decide que o resgate do mineiro será feito com uma broca, o que levará mais tempo e permitirá aos envolvidos – ele, o xerife e a esposa de Leo – lucrarem mais, é inevitável a associação com os dois autores. Adorno e Horkheimer não acreditam em saída para a indústria cultural. Os jornais visam ao lucro e os jornalistas buscam o furo e a notoriedade. (TRAVANCAS, 2002, p 7, 8)

Estabelece-se assim, uma bifurcação de duas perspectivas extremas do cinema sobre o jornalista. As várias interpretações de um personagem serão construídas a partir do enredo escolhido pelos produtores e essa visão será exposta nas salas de cinema. A relevância e alcance desse enquadramento está no modo como os jornalistas serão percebidos e

rotulados na vida real, como corrobora Syd Field, “Personagem é um ponto de vista” (FIELD, 2001, p 36).

2 Referencial Teórico-Metodológico

2.1 Metodologia

Para a análise do arquétipo do jornalista, na construção de um modelo para o público, é necessário que os filmes mais representativos abordando o tema sejam considerados, catalogados e estudados. A preparação teórica e o desenvolvimento do senso crítico, a partir do ponto de vista de um especialista, também se faz obrigatória para que a dissertação tenha credibilidade acadêmica e interpessoal. Essa análise deve abranger diferentes conceitos, perspectivas e abordagens.

Esclarecer o conceito de arquétipo para o leitor é uma tarefa árdua. A concepção do termo depende do referencial utilizado e de como ele é enquadrado. Assim, para que a adequação ao trabalho seja realizada de forma satisfatória, a formulação do termo e a contextualização a ser usada como base na composição da monografia, foram as obras *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2002) e *Psicologia e Religião* (1978), de C. G. Jung e *O Herói de Mil Faces* (1949), de Joseph Campbell.

Para a análise organizada nessa monografia, os filmes escolhidos procuram atender aos critérios de engajamento da audiência nos dias de hoje, dentro do contexto que abordem o universo do jornalismo. A partir do site *IMDB*, página de conteúdo cinematográfico com maior número de acessos do mundo segundo o *Alexa Internet Inc*, que mede quantos usuários de Internet visitam um site, foram selecionados e catalogados os filmes que geram maior repercussão para os usuários do site.

No ar desde 1990, o *Internet Movie Database* (IMDB) é uma enciclopédia virtual dedicada ao cinema e à TV. É líder por larga vantagem em sua área e está entre os 50 sites mais populares do planeta, com 160 milhões de usuários únicos mensais. O funcionamento é simples: espectadores cadastrados dão notas de 0 a 10 no que viram e disso se extrai uma média que leva em conta diversos fatores. Há também uma nota distribuída por críticos profissionais.

A pesquisa foi realizada por meio da utilização das “tags” disponíveis no site. Foram selecionadas as tags “journalism”, porque é preciso abordar a mídia e o relacionamento com a notícia dentro das obras, e a tag “journalist”, porque o anseio da monografia é abordar

o arquétipo que o jornalista recebe a partir do contexto abordado em cada filme e sua função como personagem da história e objeto de análise.

A busca, feita em setembro de 2015, retornou 143 resultados entre filmes e séries. Foram selecionados apenas os longa-metragens mais relevantes para o público. Assim a opção foi feita pelos filmes mais populares: o top10 “*Number of votes*”. Independente da avaliação ser positiva ou negativa, o critério adotado foi o alcance que o filme teve junto ao público e o engajamento que ele gera, a ponto de os espectadores irem ao site dar sua opinião.

Utilizando os métodos estabelecidos acima, os dez filmes mais populares para a audiência que abordaram o universo do jornalista no meio cinematográfico, qualquer que seja sua relevância, protagonismo e ocupação do tema na obra, causando maior impacto nos espectadores, a partir dos critérios selecionados, foram:

- Homem-Aranha (Spider-Man, EUA, 2002), Sam Raimi
- Cidade de Deus (Brasil, 2002), Fernando Meirelles
- Apocalypse Now (EUA, 1979), Francis Ford Coppola
- Diamante de Sangue (Blood Diamond, EUA, 2006), Edward Zwick
- Cidadão Kane (Citizen Kane, EUA, 1941), Orson Welles
- O Diabo Veste Prada (The Devil Wear Prada, Reino Unido/EUA/França, 2006), David Frankel
- A Entrevista (The Interview, EUA, 2014), Evan Goldberg
- O Abutre (Nightcrawler, EUA, 2014), Dan Gilroy
- Medo e Delírio (Fear and Loathing in Las Vegas, EUA, 1998), Terry Gilliam
- Quase Famosos (Almost Famous, EUA, 2000), Cameron Crowe

O impacto da escolha desses filmes no desenvolvimento do trabalho tem algumas consequências que devem ser levadas em consideração. Por se tratar de nove filmes americanos e um brasileiro, todos filmes ocidentais, um questionamento deve ser feito sobre a abrangência e relevância dessa lista. Isso pode ser explicado por uma série de motivos: o acesso à internet ainda não é substantivo para todo o planeta, por isso a lista feita de forma online pode ter sido afetada.

Essa lista pode ser um retrato da soberania ocidental, que em diversas ocasiões tende a definir o que o público vai consumir. Os maiores filmes conhecidos e retratados no

ocidente são filmes produzidos no ocidente, demonstrando o poder e a influência dos EUA e países fora do círculo oriental.

Os filmes foram assistidos repetidas vezes buscando avaliar e analisar a representação do jornalista dentro daquele contexto, qual a influência que o personagem recebe e como ele se relaciona com o ambiente em que está inserido. Também foi feita uma pesquisa sobre a produção e quais as principais variantes que influenciaram a reprodução de determinado tipos. Como os contextos específicos, históricos, sociais e econômico interferem na escolha do arquétipo.

2.2 Arquétipos e Inconsciente Coletivo

Os conceitos de “Arquétipo” e “Inconsciente Coletivo” como se conhece hoje surgiram com o psicanalista suíço Carl Gustav Jung. Os termos sofreram diversas e importantes modificações. A conceituação mais difundida e definida que Jung formulou é que inconsciente coletivo é um conceito universal e não estabelecido em nossa experiência pessoal. Para Jung, nós nascemos com uma herança psicológica que se soma à nossa herança biológica:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos. (JUNG, C., 2002, p. 15 – 16)

Dentro desse inconsciente coletivo, há estruturas psíquicas, os chamados arquétipos. Jung define o arquétipo como um padrão de probabilidade de comportamento, ou seja, uma tendência do indivíduo que se encaixa dentro de determinado arquétipo a se manifestar de

maneira definida. De acordo com Jung esses arquétipos se portam como elementos que dão origens a fantasias e mitos que se estruturam na sociedade.

A estes temas dei o nome de arquétipos, designação com a qual indico certas formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente. Os temas arquetípicos provêm, provavelmente, daquelas criações do espírito humano transmitidas não só por tradição e migração como também por herança. Esta última hipótese é absolutamente necessária, pois imagens arquetípicas complexas podem ser reproduzidas espontaneamente, sem qualquer possibilidade de tradição direta. (JUNG, C. G., 1978, p 55)

Partindo dessa conceituação, ele definiu diversos arquétipos que se comportam de maneira relativamente padrão e repetem hábitos, costumes e procedimentos, como o arquétipo materno (JUNG, 2002, p 85) e o arquétipo da criança (JUNG, 2002, p 151). Segundo Jung, o arquétipo de mãe, por exemplo, repete-se em pessoas de todo o mundo e, mesmo mães que não se conhecem e nunca se relacionaram, têm atitudes idênticas ou, no mínimo, parecidas.

Inspirado nos conceitos elaborados por Jung, Joseph Campbell elaborou o arquétipo do herói e construiu padrões que dão sustentabilidade a uma história. Sob o aspecto da mitologia, ele estabeleceu características que são vividas em vários mitos diferentes. No livro *O Herói de Mil Faces*, ele explica como os heróis em diversos enredos da cultura pop refletem o mesmo padrão de várias formas. Desde heróis da mitologia, passando pela idade média, aos apresentados atualmente em filmes, livros e outros elementos da indústria cultural. O médico, por exemplo, é um dos atuais representantes de um mito presente no imaginário coletivo do ser humano, o velho sábio.

O médico é o moderno mestre do reino do mito, o guardião da sabedoria a respeito de todos os caminhos secretos e fórmulas poderosas. Seu papel equivale precisamente ao do Velho Sábio, presença constante nos mitos e contos de fadas, cujas palavras ajudam o herói nas provas e terrores da fantástica aventura. É ele que aparece e indica a brilhante espada mágica que matará o dragão-terror; ele conta sobre a noiva que espera e sobre o castelo dos mil tesouros, aplica o bálsamo curativo nas feridas quase fatais e, por fim, leva o conquistador de volta ao mundo da vida normal após a grande aventura na noite encantada. (CAMPBELL, 1949, p 8)

Uma quantidade notável de filmes e outras obras da cultura pop se baseiam nesses padrões para construir histórias, personagens e formatar um enredo. Como a própria Jornada do Herói, em que Campbell apresenta passos pelos quais a maioria dos heróis passa em sua trajetória e que são utilizados por diversos escritores, produtores e criadores de importantes obras.

O arquétipo pode ser retratado em diferentes formas de expressão e indivíduos, reforçando os conceitos, segundo Jung, pré-estabelecidos no imaginário coletivo da sociedade. Além de obras da cultura pop e da indústria cultural, essa representação é repetida em elementos da própria vida real, como comportamentos individuais, ocupações e profissões.

Um caso frequente é a identificação com a persona, que é o sistema da adaptação ou estilo de nossa relação com o mundo. Assim sendo, quase todas as profissões têm a sua persona característica. Tais coisas são fáceis de estudar atualmente, uma vez que as pessoas públicas aparecem fotografadas frequentemente na imprensa. O mundo exige um certo tipo de comportamento e os profissionais se esforçam por corresponder a tal expectativa. O único perigo é identificar-se com a persona, como por exemplo o professor com o seu manual, o tenor com sua voz; daí a desgraça. É que, então, se vive apenas em sua própria biografia, não se é mais capaz de executar uma atividade simples de modo natural. Pois já está escrito: "... e então ele foi para cá ou para lá; disse isso ou aquilo", etc. A túnica de Dejanira colou-se à pele de Héracles e nela se enraizou. É preciso a determinação desesperada de um Héracles para arrancar do corpo a túnica de Nesso e entrar no fogo da imortalidade, a fim de transformar-se naquilo que verdadeiramente é. Exagerando um pouco, poderíamos até dizer que a persona é o que não se é realmente, mas sim aquilo que os outros e a própria pessoa acham que se é. Em todo caso a tentação de ser o que se aparenta é grande, porque a persona frequentemente recebe seu pagamento à vista. (JUNG, C., 1978, p. 128)

3 Desenvolvimento

3.1 Filmes

3.1.1 Homem-Aranha

O filme utiliza como base a história em quadrinhos *Homem-Aranha*. Para que o enfoque escolhido pelo diretor seja entendido, é preciso conhecer o contexto da obra original.

Sempre em evidência na mídia, o homem-aranha é um dos super-heróis mais populares e relevantes para os fãs de quadrinhos. Criado em 1962 pelo escritor e roteirista Stan Lee, o homem-aranha apareceu pela primeira vez na última edição da revista *Amazing Fantasy*. Jack Kirby era o responsável pelos desenhos no desenvolvimento inicial do personagem. No entanto, quem assumiu o papel de desenhista regular da série foi Steve Ditko.

Um dos aspectos que mais chamava a atenção e se colocou como ponto transformador da série, foi a visão dos criadores sobre o personagem. Diferente dos super-heróis da época, Peter Parker era um adolescente comum, sem grandes atributos como um corpo musculoso e imponente. Órfão, é criado pelos tios, cresce como um garoto inteligente e sem popularidade em círculos sociais. É, então, picado por uma aranha radioativa e adquire habilidades que se assemelham as características dos aracnídeos.

A história do personagem evoluiu de tal forma que, em algumas décadas, conquistou espaço no imaginário do público. Sua popularidade atingiu tal nível que se tornou reconhecido por pessoas de todas as idades, gêneros, classes sociais, etnias e origens. O artigo *Why Spider-Man Is Popular*, publicado no site *ABC News*, atribui a popularidade do protagonista à necessidade que ele tem de “pagar suas contas”. Peter Parker é alguém que, mesmo sendo um herói com poderes especiais, deve lutar e enfrentar as dificuldades do dia-a-dia como uma pessoa normal. O texto destaca a facilidade com que o leitor médio se enxerga no personagem.

O destaque da obra não é o poder do personagem principal e suas capacidades físicas, mas, sim, o seu desenvolvimento como ser humano. Sujeito a mudanças, Peter Parker, no filme, começa como um jovem impopular e sem responsabilidades, mas em seu trajeto passa por diversas transformações até se tornar um super-herói altruísta e honesto.

Inserido nesse universo e enfrentando esses obstáculos, o personagem começa a trabalhar como fotojornalista *freelancer* no jornal de Nova York, Clarim Diário. Esse jornal está presente com frequência nas histórias. Além de várias cenas dos quadrinhos se passarem no interior da redação, o jornal assume um papel de narrador. Diversos trechos são desenvolvidos sob o ponto de vista do jornal. Heróis, vilões, dramas e situações se entrelaçam e se ramificam por meio dos enquadramentos escolhidos pelos profissionais do Clarim Diário.

Lá, ele conhece John Jonah Jameson, jornalista, editor-chefe e dono do jornal. Jameson despreza a maioria dos super-heróis, principalmente o próprio homem-aranha. Utiliza o veículo para difamar e criticar as atitudes dos heróis sempre que possível. Essa raiva surgiu após sua mulher ser morta por um homem mascarado. A partir de então, passou a ter aversão por todos que escondem a verdadeira identidade. Uma outra peculiaridade surge aqui: a principal função de Peter Parker no jornal é tirar foto de si mesmo agindo como o homem-aranha.

O jornalista é um personagem frequente nas histórias em quadrinhos e o modo como é feito o recorte da profissão nas histórias se refletem na construção do imaginário popular. Antônio Aristides Corrêa Dutra, em seu trabalho de mestrado “Quadrinhos e jornal: uma correspondência biunívoca” justifica a representação com base nas características que o jornalista compartilha com os super-heróis:

Dos muitos traços de personalidade apresentados pelos jornalistas nos filmes, alguns dos mais recorrentes são a irreverência, o dinamismo, o inconformismo, a curiosidade crônica e a facilidade de ir e vir, características muito úteis também na carreira de herói de quadrinhos.

Muitos personagens de quadrinhos são repórteres lançados no meio de grandes aventuras em consequência do caráter investigativo de suas profissões. Para eles, transpor limites é indispensável.

(DUTRA, 2002, p 19 - 20)

A audiência vê a popularidade do herói crescendo pelas capas de jornais. É também, pelo jornal, que o empresário Norman Osborn percebe que pode perder um importante contrato e sua transformação no vilão Duende Verde começa.

A questão ética ao tratar da profissão surge, no entanto, quando Peter Parker se torna fotojornalista e, para conseguir seu pagamento, deve tirar fotos de si mesmo vestido de Homem-Aranha, se estabelecendo parte da notícia.



Figura 1 – Capa do Clarim Diário procurando fotos do Homem-Aranha. Trecho retirado do filme Homem-Aranha (Spider-Man, 2002, EUA)

Homem-aranha populariza o jornalista em um papel de destaque. A ambiguidade do personagem do super-heróis é reforçada pelo jeito como exerce sua função, assim como Super-homem, que também é jornalista. *Homem-aranha* é um retrato da imprensa superficial, que não tem valor funcional e se torna uma imagem meramente decorativa. A ocupação ajuda a compor o indivíduo contribuindo para a criação do personagem que ele desenha e quer que os outros vejam e compreendam.

Os artifícios que Peter Parker utiliza para ser enxergado como um cidadão ilibado e honesto, apenas cumprindo o seu exercício abre uma nova argumentação que atribui ao personagem “facilidades” que poderá usufruir cumprindo sua função primária: super-herói. Por causa do jornalismo, por exemplo, ele pode ficar sempre no cerne dos acontecimentos sem chamar a atenção e levantar suspeitas.

3.1.2 Cidade de Deus

Cidade de Deus é um dos maiores expoentes do cinema brasileiro. Dirigido por Fernando Meirelles e codirigido por Katia Lund, o longa é adaptado no livro homônimo do escritor Paulo Lins e narra como o crime organizado cresceu na Cidade de Deus, comunidade carente localizada no Rio de Janeiro.

O filme conta a história de Buscapé (Alexandre Rodrigues), um jovem pobre, negro e sem oportunidades crescendo na Cidade de Deus, um dos locais mais perigosos do país. Assumindo o papel de narrador, o protagonista apresenta diversos personagens e histórias

pelo seu ponto de vista. Mesmo com todos os obstáculos e lutando contra a pressão para se tornar um bandido, Buscapé encontra no fotojornalismo a oportunidade de ter um futuro diferente dos seus vizinhos e fugir da violência que o amedrontava todos os dias.

Na narrativa se encontram críticas intrínsecas e abertas ao modo como a imprensa trata o morador da favela e como os policiais se portam a partir da delimitação dessa perspectiva. A primeira vez que Buscapé tem contato com um jornalista é assistindo um fotógrafo fazer fotos explícitas de um corpo alvejado. A “imprensa marrom” parece ser a única interessada em noticiar o sofrimento do povo daquele povo.



Figura 2 – Fotógrafo tirando fotos de um morto na Cidade de Deus. Trecho retirado do Filme Cidade de Deus (Brasil, 2002)

Na obra, a figura do jornalista está amplamente associada a tragédias e mortes. Apenas casos como esses colocam a favela sob os holofotes. Além disso, percebe-se uma forte ligação da imprensa com a polícia. O paradoxo criado entre o retrato sensacionalista e a representação do jornalismo como exercício para denúncia é sutil, desafiador e cobra do público uma percepção sobre as intenções do roteiro. *"A vizinha chamou a polícia antes de amanhecer. A imprensa marrom chegou para fazer manchete de capa: 'Paraíba enterra mulher viva na Cidade de Deus'. Quando vem imprensa, a favela enche de polícia"* (Fala em off de Buscapé (Alexandre Rodrigues) no filme Cidade de Deus (Brasil / 2002)).

Destaca-se o papel positivo e transformador do jornalista e de seu ofício. O modo como Buscapé trabalha fazendo um recorte da sua realidade para levar os problemas da sua vizinhança ao mundo e como ele, realizando o sonho de trabalhar com a profissão,

consegue mudar suas próprias perspectivas abrindo um novo leque de possibilidades no futuro. Ele começa, então, a exercer a função como forma de contribuir com a comunidade. Por meio das fotos, leva ao mundo a sua realidade e começa aos poucos a promover uma mudança real e significativa.

É observada, também, a dificuldade de se fazer jornalismo dentro de ambientes devastados pela violência e pelo controle de facções criminosas. Frequente no cotidiano brasileiro, diversos jornalistas já perderam suas vidas tentando levar para o asfalto a situação incomoda e realista do morro e das pessoas que vivem nessas condições.

Buscapé, ou Wilson Rodrigues, é inspirado no fotógrafo *freelancer* José Wilson dos Santos. Apesar de terem acontecido muitas adaptações, a ficção copiou a realidade e transferiu para a película sentimentos do jornalista e sua história de luta para conseguir alçar voos mais altos longe da comunidade.

Apesar de toda a aclamação, o longa encontrou problemas durante a produção. A maioria dos atores realmente moravam em favelas do Rio de Janeiro e não tinha nenhum contato com atuação. Meirelles conta que amadores foram usados pelo desejo de autenticidade e pela falta de atores profissionais que fossem negros, refletindo um problema recorrente no país.

Paulo Lins, autor do livro que deu origem ao filme, escreveu a obra a partir de uma extensa pesquisa no conjunto habitacional Cidade de Deus, onde ele foi criado. Paulo passou oito anos entrevistando pessoas e recolhendo dados sobre a organização do narcotráfico na região e a guerra que se desencadeou desses acontecimentos.

Cidade de Deus se tornou referência. Recebeu críticas positivas e aclamadoras de grandes publicações dos Estados Unidos, foi escolhido como o sétimo melhor filme de todos os tempos pela revista *Empire*, em 2010, e como um dos 100 melhores da história pela *Time*.

Além disso, recebeu prêmios e indicações que deram uma nova perspectiva ao cinema brasileiro, como indicações relevantes ao BAFTA e ao Globo de Ouro, e quatro indicações (Melhor Direção: Fernando Meirelles; Melhor Roteiro Adaptado: Bráulio Mantovani; Melhor Fotografia: César Charlone; Melhor Edição: Daniel Rezende) à maior premiação de cinema do mundo, o Oscar.

3.1.3 Apocalypse Now

Considerado um dos maiores filmes da história, *Apocalypse Now* retrata os efeitos que a guerra pode ter na mente do indivíduo. O diretor Francis Ford Coppola apresenta a Guerra do Vietnã sob uma perspectiva nua, crua e sem maquiagem. Inspirado no livro *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad, o filme questiona, em última análise, o conceito de civilização, progresso e a supremacia norte-americana sobre os outros povos.

O enredo segue a história do Capitão Benjamin L. Willard (Martin Sheen), oficial das Operações Especiais do Exército dos Estados Unidos, em missão para eliminar o Coronel Walter E. Kurtz (Marlon Brando), das Forças Especiais. Com passado brilhante, o Coronel aparentemente enlouqueceu e se refugiou nas selvas do Camboja, onde comanda um exército de fanáticos, que o consideram um semideus.

A fim de cumprir a missão, o Capitão reúne uma patrulha e rumo ao local onde vai encontrar Kurtz. A medida que avança pelo rio, a equipe vivencia momentos de terror e vislumbra o impacto da guerra nas capacidades mentais e psicológicas dos soldados. Em diversos momentos, a ética deles é levada ao limite e decisões extremas precisam ser tomadas rapidamente.

Ao encontrar o lugar em que o Coronel está, mais uma vez os extremos da guerra são confrontados. O *Fotojornalista*, interpretado por Denis Hooper, entra em cena. Assumindo a função de dar boas-vindas ao novo visitante, apresenta-se como um indivíduo com o comportamento totalmente afetado pela guerra e com fortes tendências destrutivas. A relação que ele assume com Kurtz se assemelha a muitos casos à Síndrome de Estocolmo, estado em que a pessoa, submetida a prolongado tempo de intimidação, passa a ter o sentimento de simpatia e até mesmo de amor ou amizade com o seu agressor.

A ideia de colocar o jornalista em meio a uma situação extrema como a guerra levanta a discussão de temáticas que se relacionam com os limites da imprensa e da cobertura da mídia. Essa representação simboliza a expectativa da sociedade para a espetacularização do sofrimento e uma crítica dos realizadores da obra à impossibilidade que o jornalista tem de retratar a guerra, de estabelecer uma comunicação que atinja a imparcialidade e não se deixe levar pelo contexto. Ao vislumbrar tanta violência, tragédias e o pior lado do ser humano, o personagem “enlouquece” modificando suas convicções e sua visão de mundo, apelando para uma nova perspectiva: dentro do contexto, ligado à situação local.

A crítica abraçou o filme e rapidamente ele se tornou referência. Os efeitos culturais e metodológicos são largamente debatidos até hoje. Considerado uma obra-prima, *Apocalypse Now* é classificado como um dos maiores filmes de todos os tempos em importantes listas. Está listado na 7ª posição na lista dos 500 melhores filmes de todos os tempos da revista *Empire*, publicada em 2008.

Em 2002, a revista *Sight & Sound* entrevistou vários críticos para nomear o melhor filme dos últimos 25 anos e *Apocalypse Now* foi classificado em primeiro lugar. A cena do ataque dos helicópteros com a trilha sonora *Cavalcada das Valquírias* foi escolhida como a mais memorável de todos os tempos pela revista *Empire*. Em 2009, o *London Film Critics' Circle* elegeu *Apocalypse Now* o melhor filme dos últimos 30 anos.

3.1.4 Diamante de Sangue

Normalmente obtidos por meio de mão de obra escrava, os “diamantes de sangue” são as pedras utilizadas para financiar confrontos e conflitos, principalmente no continente africano. Ambientado durante a Guerra Civil de Serra Leoa, o filme narra a história de um país destruído pelas lutas entre as alianças do governo e forças rebeldes.

De acordo com a anistia internacional, centenas de milhares de pessoas morreram e outras milhões foram deslocadas de seus lares por causa dos anos de conflito. Essa guerra se tornou notória pelos frequentes massacres, amputações de membros, uso massivo de crianças-soldado e tráfico de diamantes de sangue como um método de financiamento das forças rebeldes. A guerra foi declarada oficialmente como encerrada em 2002.

O filme de Edward Zwick retrata os interesses envolvidos na extração do diamante encontrado naquela área e as atrocidades cometidas pelos envolvidos na guerra. O público acompanha a história pela perspectiva do pescador Solomon Vandy (Djimon Hounsou), que é separado da família e obrigado a trabalhar em um campo de mineração de diamantes, onde encontra um diamante que possui cerca de 100 quilates, e de Danny Archer (Leonardo DiCaprio), um ex-mercenário que se dedica a contrabandear diamantes para a Libéria.

Em meio aos obstáculos e dificuldades que se apresentam, surge Maddy Bowen (Jennifer Connelly), uma jornalista que tem o sonho de fazer uma reportagem que mude a situação daquele país. Com uma abordagem política, a jornalista possui voz questionadora e adquire a função de porta-voz do problema.

As temáticas abordando a profissão são recorrentes no filme. Os jornalistas recebem passe livre dentro das terras africanas e têm o direito de ir e vir, diferente dos refugiados que são obrigados a lidarem com a guerra civil. Assim, os personagens usufruem dos benefícios da ocupação em várias situações, promovendo reflexão sobre quais os limites da profissão, as permissões e a real importância da profissão.

Na obra, o jornalismo tem valor transformador e gera uma mudança importante na sociedade. Os esforços de Maddy resultaram na veiculação da denúncia que expôs todo o cartel de diamantes dos compradores ricos e principais beneficiados com o esquema que, até hoje, atinge milhares de indivíduos em vários lugares.

3.1.5 Cidadão Kane

Um dos filmes mais célebres do cinema, *Cidadão Kane* é uma obra-prima que marcou sua época e entrou para sempre na história. As inovações experimentadas por Orson Welles se tornaram referência e o método utilizado pelo diretor é estudado nas escolas de cinema e adaptado por realizadores e produtores desde então.

Como apontado no artigo elaborado pela *Filme Education*, as técnicas narrativas e os enquadramentos cinematográficos são um marco. A cronologia em que os fatos são narrados e o ângulo de câmera que, pela primeira vez, mostra o teto dos ambientes foram algumas das principais experimentações do diretor. Além, claro, das inovações apresentadas como a profundidade de campo que distribui os personagens enquadrados para mostrá-los sem a necessidade de corte de campo, e o plano-sequência, que apresenta um fluxo da realidade não fragmentado.

Imprescindível na formação do jornalista, o filme narra a vida do magnata do jornalismo, Charles Foster Kane (Orson Welles) que nasce pobre e chega ao status de um dos homens mais ricos do planeta. A história é contada sob a perspectiva de Jerry Thompson (William Alland), um jornalista enviado para fazer uma investigação sobre a vida de Kane após sua morte. Com o objetivo de descobrir o que significa a palavra *Rosebud*, a última dita por Kane em seu leito de morte, Jerry passa a entrevistar pessoas ligadas intimamente a vida de Charles para levar sua história ao mundo.

O poder da imprensa e o papel do jornalista é questionado em diversas situações. A importância que a indústria da informação tem sobre a sociedade é destacada e reflete uma preocupação que ainda é atual. Os jornalistas retratados expõem características intrínsecas

à ocupação e revelam um paralelo que pode ser feito com o mundo real. O personagem interpretado por William Alland, por exemplo, se mostra como um profissional investigativo, que busca sempre a verdade e não se preocupa em ouvir diversas versões dos mais variados indivíduos que participaram ativamente da vida de Kane. O jornalista e crítico Jedediah Leland (Joseph Cotten) exerce sua função com maestria, mas se coloca frente aos interesses da organização em que trabalha tentando manter sua imparcialidade e levar à audiência um questionamento.

No entanto, o personagem mais complexo da trama, e possivelmente um dos mais complexos da história do cinema, *Cidadão Kane* é visto sob várias camadas. A primeira, de um indivíduo preocupado com as questões de interesse público levantando sempre questões sociais a fim de beneficiar a sociedade por meio do jornalismo. No segundo momento, ele corrompe a ideia original e passa a utilizar o seu jornal como trampolim para a candidatura política, que possa alavancar seu status e poder como cidadão. A outra etapa de transformação ocorre quando ele passa a usar a imprensa como meio de alcançar desejos pessoais, não se importando mais com a qualidade da notícia, levantamentos sociais ou a recíproca do povo.

O filme foi recebido com muito louvor pela crítica e pelo público. Uma obra tão rica que, após sua exibição, diversos estudos abordando detalhes de sua produção, realização e significados foram realizados. Ele é frequentemente citado nas primeiras posições em milhares de listas de melhores em todo o mundo. Há também a repercussão criada em torno do diretor e das temáticas abordadas na película que influenciam diretores, realizadores e espectadores até hoje.

3.1.6 O Diabo Veste Prada

O mundo da moda é mais complicado do que se pensa. As competições internas, o trato com o público, as tendências e complicações desse universo são apresentadas sob a ótica de Andrea Sachs (Anne Hathaway) no filme *O Diabo Veste Prada*. Ao conseguir um estágio na renomada revista *fashion Runaway*, Andrea se vê em meio a superficialidade da indústria e a necessidade constante da beleza.

Inspirado em livro homônimo, o filme conta a história de uma jornalista recém-formada e com diversos prêmios acadêmicos que, após enviar currículos para diversas empresas de

comunicação, é encaminhada ao cargo de segunda secretária de Miranda Priestly (Meryl Streep), editora-chefe da revista.

O contato com Miranda desperta na jornalista sentimentos antagônicos de admiração e repulsa, que é desenvolvida e retratada ao longo da obra. O poder e a importância da sedução são temáticas abordadas com louvor na película, além dos contornos publicitários e a cultura da moda, que atrai milhares de pessoas e cria imposições reais sobre o cotidiano dos indivíduos.

A influência da mídia nas necessidades impostas à audiência é percebida na forma que as exigências do receptor são abraçadas pelo consumo exacerbado que a publicidade, propaganda e a divulgação de informações gera. A revista comunica, anuncia e cria no público uma tendência. As mensagens são transmitidas de modo a causarem imposição e transferirem conceitos e novidades.

A ênfase dada a determinados temas pela imprensa transforma assuntos banais em temas de grande relevância. O jornalismo de moda tem o poder de criar uma necessidade de consumo para a sociedade. Essa capacidade de gerar uma tendência é percebida principalmente na maneira como determinado objeto, tipo ou comportamento é apresentado na mídia. Assim, as revistas de moda e, por consequência, os jornalistas especializados, revolucionam a indústria cultural, que perde o aspecto banal e se transforma em fundamental para representações populares.

Sob a cortina do universo da moda, o filme trata dos sacrifícios que recém-formados em jornalismo devem passar para exercer a profissão. Como as ideologias e utopias construídas durante a formação são representadas e se moldam a nova realidade de busca e luta constante.

O jornalista é recortado como um indivíduo inocente, sensível, facilmente manipulado e que, apesar do esforço diário, passando inclusive por cima do amor, da amizade e família não é reconhecido pelo seu trabalho. Andrea representa a jornalista deslumbrada, mas ambiciosa, que sacrifica sua vida pessoal em prol do que a profissão o exige.

Em contraproposta Miranda, é a jornalista experiente e inescrupulosa que não se preocupa em passar por cima dos outros para alcançar seus objetivos. Bem relacionada, a personagem mostra o lado glamoroso e idolatrado da profissão. Ela é responsável pelo andamento do jornal, pela criação das tendências e possui o poder de influenciar multidões.

3.1.7 A Entrevista

O filme *A Entrevista* mostrou, mais uma vez, o poder e alcance que o cinema pode ter. A comédia se colocou no cerne de uma discussão que mobilizou os Estados Unidos e acendeu luzes de preocupação em pessoas de todo o globo. O motivo: uma sátira crítica, debochada e vulgar da Coreia do Norte, um dos países mais temidos e incertos do mundo.

O longa conta a história de Dave Skylark (James Franco) e Aaron Rapoport (Seth Rogen), dois jornalistas que conduzem um programa sensacionalista sobre TV e celebridades. O “*Skylark Tonight*” atrai a audiência de pessoas em todo o mundo, inclusive a do ditador norte-coreano, Kim Jong-Um, que aceita conceder ao programa sua primeira entrevista internacional. Buscando alcançar o prestígio de serem considerados jornalistas sérios e competentes, eles se preparam para viajar à Pyongyang, capital da Coreia, quando são recrutados pela CIA para assassinar o ditador.

O enfoque escolhido pelos diretores gerou a revolta do grupo de hackers denominado Guardiões da Paz (GOP) que, de acordo com os serviços de inteligência americana, estava ligado ao governo norte-coreano. Esse grupo invadiu a rede de computadores da Sony, produtora do filme, e divulgou grande número de informações confidenciais ligadas a filmes e celebridades

As notícias relacionando o governo norte-coreano a esse vazamento começaram a surgir dois dias depois de a Sony ter decidido cancelar o lançamento do filme. O estúdio tomou essa decisão após algumas das principais redes de cinema cancelarem sua exibição alegando terem sofrido ameaças do GOP.

Essa polêmica reacendeu um debate sobre a liberdade de expressão e gerou indignação em Hollywood. Muitos questionaram se havia certos temas que deveriam ser evitados e, de certa forma, censurados. No entanto, para Jen Yamato, crítica de cinema da *Deadline Hollywood*, a exibição do longa era um exercício de democracia. "Cinema é arte, e através da arte é possível fazer interpretações sobre a atualidade e a política", afirmou.

Após diversas indagações, inclusive do Presidente dos EUA, Barack Obama, o estúdio reconsiderou sua posição inicial e a obra finalmente estreou em alguns cinemas e na internet. A partir daí as críticas abordando a qualidade do filme se dividiram. Alguns espectadores aprovaram o longa e afirmaram que o assistir era exercer o direito à liberdade

de expressão. Outros disseram que a polêmica apenas favoreceu o filme, que não possuía qualidade cinematográfica.

Dentre as várias polêmicas que envolveram o filme desde sua produção, há de se levar em conta as ligadas ao jornalismo que passaram quase despercebidas pelo público em geral. A questão é colocada logo nos primeiros minutos do filme, onde Dave Skylark entrevista o cantor de rap Eminem abusando de artifícios para conseguir uma polêmica e aumentar a audiência do programa.

Os dois protagonistas estão envolvidos, desde o início, com o estilo de imprensa sensacionalista, que busca a atenção dos telespectadores a qualquer custo, sem atenção para a qualidade do que está sendo transmitido. A catarse acontece quando Aaron Rapaport encontra um colega de faculdade que trabalha em um jornal com grande relevância e credibilidade nos Estados Unidos.

Essa descoberta é uma das reviravoltas essenciais para o desenrolar do filme. O valor da notícia que eles estão divulgando para o público começa a ser questionado e a real função do jornalismo é questionada. Aaron passa a se enxergar como um profissional sem relevância e credibilidade para o meio.

Outras temáticas começam a ser abordadas após o encontro dos jornalistas com Kim Jong-Um, entre elas o relacionamento entre jornalista e entrevistado. Em certo momento, Skylark se torna amigo do ditador e isso reflete em suas obrigações. O comportamento que ele adota é o de proteger essa amizade omitindo perguntas que seriam feitas no momento da entrevista. Dave ameaça se recusar a fazer perguntas que exponham a real situação do país e possam manchar a imagem do ditador.

A importância que se dá a essa entrevista ganha proporções estratosféricas. A revelação de um problema real e o debate com um ditador que assusta o mundo gera a possibilidade de uma mudança nos âmbitos internos e externos. O público acredita que a entrevista pode criar uma revolução, apresentar ao povo local uma nova visão dos acontecimentos. Um novo ponto de vista, um novo retrato na realidade.

Apesar do tom de brincadeira e sarcasmo utilizado do filme, um importante debate é levantado: o alcance e poder da imprensa. Apesar de o país ser extremamente fechado, a mídia possui tamanha relevância e importância que consegue se “infiltrar” no local. A motivação do jornalista nesta situação é provocar uma mudança, revelar uma situação

incomoda e alertar a população. A objetividade e a imparcialidade, inclusive, são deixadas de lado para que ele alcance o resultado desejado.

3.1.8 O Abutre

O sensacionalismo é o método do jornalista apresentar notícias e informar a população de maneira exagerada e exploratória, com o objetivo de aumentar a audiência. Envolvendo temas populares, esse tipo de jornalismo apela para apresentações tendenciosas, abordagens insensíveis, temáticas emotivas, polêmicas e omissão de fatos para atrair a atenção popular.

Controverso, o jornalismo sensacionalista seduz principalmente as classes sociais menos favorecidas, que normalmente não se interessam para assuntos como política e economia. Com esse enfoque, eles identificam a própria comunidade e seus conhecidos na televisão, sob o ponto de vista dos repórteres envolvidos.

Existem muitos críticos a esse tipo de abordagem jornalística, principalmente pelo objetivo principal da proposta, que é aumentar a quantidade de telespectadores e elevar os lucros, sem se importar com a influência e qualidade da informação.

É partindo do interesse do público e dos jornalistas por esse tipo de imagem que Louis Bloom (Jake Gyllenhaal) decide entrar no agitado submundo do jornalismo criminal independente de Los Angeles. Abusando de artifícios peculiares e, em certo ponto, antiéticos, ele busca crimes, acidentes e imagens chocantes para registrar o fato e vender para veículos interessados.

Sem escrúpulos, Louis Bloom interfere na atuação policial, omite informações, representando uma parcela do mundo do jornalismo. Jake Gyllenhaal interpreta um psicopata, sem relações humanas e interesse emocional pelos outros.

Ele firma parceria com Nina Romina (Rene Russo), editora de uma emissora de TV e suas ambições vão aumentando. A ligação que se dá entre os dois revela que a informação é uma mercadoria e as relações podem se transformar a partir de revelações e apropriações recorrentes.

Uma fácil comparação pode ser feita ao clássico *A Montanha dos Sete Abutres*, de Billy Wilder. Nos dois casos, o jornalista esquece o aspecto imparcial e pensa apenas nos benefícios da reportagem em sua vida pessoal e profissional, explorando ao máximo as situações extremas e as consequências trágicas, sem se preocupar com a relevância e

importância do jornalismo na vida do público. Lucas Gutierrez, no site Diário do Centro do Mundo, aponta o filme como mais que um retrato do jornalismo moderno:

Numa primeira leitura este pode parecer um filme sobre jornalismo moderno, mídia e os limites na busca pela notícia e a audiência. Mas acredito fortemente que há um conteúdo muito mais complexo e profundo do que o apresentado em primeiro plano por Dan Gilroy (roteirista já cinquentão, estreando aqui na direção em grande forma). Penso que este é um retrato quase satírico sobre ambição corporativa, o sonho americano, e no grande espectro, sobre a pior face do capitalismo. (GUTIERREZ, Lucas. 'O Abutre' é mais que um filme sobre o jornalismo moderno. Disponível no site Diário do Centro do Mundo)

O filme chamou ganhou muito destaque em seu ano de lançamento e foi abraçado pela crítica e pelo público. A atuação de Jake Gyllenhaal rendeu indicações a importantes prêmios. O filme foi indicado, também, ao Oscar de Melhor roteiro.

3.1.9 Medo e Delírio

O filme conta a história de Raoul Duke, um jornalista interpretado por Johnny Depp, e seu advogado, Dr. Gonzo (Benício Del Toro), em viagem à Las Vegas para fazer a cobertura da *Mint 400*, uma corrida que acontece no deserto da cidade. Lá eles tentam alcançar o sonho americano por meio do uso de drogas.

O “Jornalismo Gonzo” é o estilo de narrativa em que o contador da história abandona a objetividade e imparcialidade, se misturando com a ação e se tornando um personagem da própria história que está querendo contar. Apesar de não ser considerado por muitos uma forma de jornalismo por causa da falta de imparcialidade, pelas quebras das regras básicas da profissão e pela não seriedade com que a notícia é tratada, o estilo gonzo ganha muitos adeptos, principalmente entre os jovens, que se sentem atraídos pelas vivências e descobertas em situações de transgressão que esse tipo de jornalismo proporciona.

O precursor do estilo é Hunter S. Thompson. Segundo Bill Cardoso, autor que cunhou o termo para se referir a um artigo escrito por Thompson, gonzo é uma gíria de Boston para “apontar o último homem em pé depois de uma bebedeira”.

Hunter Thompson foi um jornalista e escritor americano conhecido pelo estilo de escrita peculiar, em que não há mais distinção entre o autor e sujeito, ficção e não ficção. Assumindo essa alcunha, ele escreveu diversos livros, entre eles a maior expoente do

tema, *Medo e Delírio em Las Vegas (Fear and Loathing in Las Vegas: A Savage Journey to the Heart of the American Dream)*, no qual o filme é baseado.

Autobiográfica, a obra mostra como o próprio Thompson não cobriu o acontecimento, gastou todo o dinheiro com drogas, fez dívidas no hotel, destruiu quartos, fugiu sem pagar, se envolveu em confusões com a polícia e, no lugar da reportagem, descreveu o ambiente da cidade sob a perspectiva de um viciado entorpecido. O romance foi publicado em duas partes na revista *Rolling Stone* em 1971 e impresso como livro em 1972.

A forma de fazer jornalismo usada por Thompson para mostrar a Las Vegas conhecida apenas sob o efeito de ilícitos logo se tornou tendência e ainda atrai adeptos. A visão do jornalista, dentro deste contexto, fascina o imaginário americano e constrói uma realidade alternativa, a nova possibilidade de viver uma mesma experiência. A credibilidade deste tipo de jornalista sempre está ameaçada, porém a forma como a notícia é feita recebe um tratamento especial e pode ser mais chamativa para o leitor.

3.1.10 Quase Famosos

Centrado na vida do estudante William Miller (Patrick Fugit), *Quase Famosos* conta a história dos bastidores da música, da crítica musical e do relacionamento entre o jornalista e a fonte. O filme narra a trajetória de descoberta e autoconhecimento do jovem de 15 anos de idade que acompanha a turnê da banda em ascensão *Stillwater* para escrever uma matéria para a revista *Rolling Stone*.

Ambientado em 1973, a história é baseada nas experiências do próprio diretor e roteirista, Cameron Crowe, quando trabalhou para a publicação. Crowe usa suas memórias pessoais para levar ao público suas vivências quando se vê envolto no mundo de “sexo, drogas e rock and roll”.

Apesar de ressaltar o começo do jornalismo musical nos Estados Unidos, o maior questionamento de *Quase Famosos* é a relação estabelecida entre o jornalista e suas fontes. Miller é alertado por todos em volta que deve evitar ao máximo construir uma relação de amizade com os membros da banda.

No início ele é recebido com desconfiança pelos integrantes e, mesmo sabendo que o jornalista é fã da banda, nunca deixam de duvidar das suas intenções. Aos poucos o relacionamento se torna mais aberto e os membros tentam transformá-lo em aliado, com o

objetivo de desvirtuá-lo para que a matéria seja positiva para a própria banda. Como explica Ricardo Stabolito Junior, em seu trabalho de pós-graduação em Jornalismo e Convergência Midiática pela Faculdade Social da Bahia (FSBA), o blog Jornalismo e Cinema:

Esta tática de aproximação já começa no primeiro show do Stillwater assistido por Miller, em que a banda inclui o garoto no ritual pré-apresentação, uma roda de música – e Cameron Crowe posiciona sua câmera dentro do círculo, para poder mostrar ao espectador o elo entre os integrantes da banda e o protagonista, por meio das mãos dadas e abraços coletivos. Ao longo da película, a cumplicidade aumentará com as situações da convivência diária, da vida na estrada (hotéis, festas, brigas). Miller é absorvido pelo cenário da turnê e cria um inevitável vínculo com aqueles músicos (que deixam de ser os ídolos, pôsteres na parede do quarto, para se revelarem pessoas comuns). (STABOLITO, Ricardo. Disponível no blog Jornalismo e Cinema)

Frequente nas escolas de jornalismo, o debate sobre o limite de aproximação entre o entrevistador e o entrevistado é o foco da narrativa. O jovem a todo momento se questiona se é justo revelar as crises internas, brigas e problemas da banda. Ele, aos poucos, perde a capacidade de discernir entre o que é relevante para o público e para a banda. A batalha e o dilema são autobiográficos, pois de certo modo, retratam a experiência que o próprio Crowe teve ao acompanhar a turnê da banda Led Zeppelin, quando ele era um fã.

A ingenuidade do garoto é confrontada pela experiência de Lester Bangs, um dos mais famosos críticos musicais da época. Interpretado por Philip Seymour Hoffman, o crítico foi fundamental para que Miller entendesse a manipulação e os riscos que estava correndo naquele meio. O pedido *“Just make us look cool”*, comprova as intenções da banda.

Com ampla aclamação da crítica e do público, o filme é cultuado pela audiência, não apenas do cinema, mas da música e do jornalismo musical. *Quase Famosos* foi indicado a importantes prêmios, entre eles, quatro Oscar. Para Melhor atriz coadjuvante (Frances McDormand e Kate Hudson), Melhor Edição (Joe Hutshing e Saar Klein) e Melhor Roteiro Original (Cameron Crowe), pelo qual ganhou.

3.2 O Arquétipo do Jornalista

3.2.1 O Narrador

Estabelecendo o claro paralelo com a vida real, é comum o personagem jornalista ser o responsável por conduzir a história pelo seu ponto de vista. Em alguns casos, como ser onipresente e onisciente, ele leva ao público a história que está sendo contada, aponta os fatos, revela curiosidades e apresenta reviravoltas e pontos importantes da produção.

A presença do jornalista no filme é constante e interfere no modo como a história é contada. O olhar externo dos acontecimentos é a característica padrão no jornalismo e essa narrativa estabelece o formato do filme fazendo uma analogia ao exercício da profissão. Esse ponto de vista é determinado a partir do contexto e da posição em que o personagem está inserido, interferindo no enquadramento e na condução ideológica, o que influencia a percepção do espectador.

Em algumas obras, essa narrativa se torna quase documental, como Buscapé (Alexandre Rodrigues) no Filme *Cidade de Deus*. Assumindo a conduta de profissional do jornalismo, o personagem se afasta dos acontecimentos e funciona como parte da estrutura que movimenta o roteiro. Sem ser notado na maior parte dos acontecimentos, ele leva os fatos ao público e assume o papel de intermediador. É o meio de comunicação entre os traficantes, o povo, a audiência e a Cidade de Deus. Quando atuando como narrador, Buscapé adquire o status de imparcialidade e se coloca como o fio que norteia a história.

Pelas descrições de Buscapé o espectador conhece todos os outros personagens e tramas. Somos inseridos naquele universo pelos relatos desenvolvidos pelo protagonista. Desde a criação da Cidade de Deus, seus moradores, até o funcionamento da boca de fumo e do tráfico organizado no Brasil.

Não esquecendo, também, que estamos vislumbrando a narrativa a partir de um morador da própria favela, que conta a história dando destaque para suas memórias, apontando opiniões e vivências pessoais. São essas concepções que levam ao público aquela realidade e certas ações são determinadas. “*Na Cidade de Deus, se correr o bicho pega e se ficar o bicho come*”, “*Quando vem imprensa, a favela enche de polícia*”, “*Nenhum fotógrafo de nenhum jornal conseguiu entrar lá*”, são algumas das frases que situam o público e ressaltam a situação e o contexto daquele local na relação com a própria imprensa.

Apresentando algumas semelhanças, mas retratado de maneira diferente é o papel do jornalista Jerry Thompson (William Alland) em *Cidadão Kane*. Em 1941, Orson Welles, apoiado em uma estética narrativa revolucionária para a época, resolveu apresentar sua trama de maneira não cronológica e inovadora. Após a morte do magnata Charles Kane (Orson Welles), o jornalista é incumbido de relatar a vida do personagem tendo como meta descobrir o significado da última palavra dita por ele, Rosebud.

Ao entrevistar pessoas importantes em momentos diferentes na vida de Kane, a biografia dele é explanada de maneira não-linear. Conhecemos a trajetória de Kane de acordo com o que é descoberto pelo jornalista. Nossas opiniões e conceitos sobre o personagem é construída a partir do que é nos contado por Jerry em sua missão. Repete-se a tentativa de criar na audiência a imagem sob a perspectiva do próprio jornalista, como ele mesmo conclui em algumas frases como *"Sr. Kane foi um homem que possuiu tudo o que quis, e depois perdeu tudo. Talvez Rosebud seja algo que ele nunca tenha possuído, ou algo que tenha perdido"* (*"Mr. Kane was a man who got everything he wanted and then lost it. Maybe Rosebud was something he couldn't get, or something he lost"*). A conclusão não foi tomada pelo público, mas ele tende a assumir como sua, acatando o entendimento do jornalista.

O personagem condutor da história deste filme perde o aspecto de narrador apenas no final da película, quando, então, assumimos o papel de ser onisciente e entendemos o significado de Rosebud que havia se perdido com o tempo.

3.2.2 O Investigador

O investigador possui algumas características fundamentais no jornalismo. Ele é curioso, corajoso, tem fome de notícia e, em alguns momentos, se confunde com um detetive enquanto faz o seu trabalho. Com pensamento rápido e característico, esse tipo de jornalista se destaca pela capacidade lógica e especial de colher fragmentos e criar conexões afim de estabelecer uma sequência de informações que são compreendidas pela soma dos lados investigados.

A ficção costuma abusar desse estereótipo em produções importantes. Especializado em desvendar mistérios e fatos desconhecidos, como corrupção, crimes e injustiças, esses jornalistas trabalham a todo custo para publicar o “furo”.

Esse arquétipo é percebido, por exemplo, na personagem de Maddy Bowen (Jennifer Connelly), uma jornalista americana idealista que está em Serra Leoa para descobrir a verdade por trás dos diamantes que está impulsionando a Guerra Civil, em *Diamante de Sangue*. Ela surge na história como uma profissional que cumpre com frequência essa função de investigadora.

Curiosa e sempre por dentro dos acontecimentos, Maddy se torna peça fundamental na investigação e divulgação das barbaridades que ocorrem por causa dos diamantes. Pelo recorte que faz da realidade africana e da guerra civil que estava acontecendo naquele país, ela leva ao mundo a situação extrema em que o povo está vivendo. Cumprindo uma função que a impõe diversos perigos e obstáculos, aborda o tema que incomodava a sociedade e leva a discussão ao público.



Figura 3 – Maddy Bowen (Jennifer Connelly) escondida para fotografar Solomon Vandy (Djimon Hounsou) entregando o diamante de sangue para autoridade. Trecho retirado do filme *Diamante de Sangue* (Blood Diamond, EUA, 2006)

No entanto, para assumir o papel de investigativo e se enquadrar no arquétipo, o jornalista não precisa utilizar a câmera escondida, como Maddy faz no final do filme *Diamante de Sangue* após elaborar um plano audacioso para conseguir sua reportagem. Em outro extremo, um personagem precisa ser o responsável por desvendar um acontecimento e revelar os fatos, como Louis Bloom (Jake Gyllenhaal) em *O Abutre*.

Neste longa, o protagonista frequentemente busca situações que possam interessar ao público e se coloca atrás dessas notícias. As características que lhe atribuem o arquétipo

de investigador se apresentam antes mesmo de ele escolher seguir a profissão. Ao ver um acidente no acostamento da rua em que seguia com o carro, Bloom estaciona e acompanha todo o atendimento feito pelas autoridades competentes e fica deslumbrado com a atuação dos cinegrafistas que capturam a cena.

Esse espírito investigativo, neste caso desprovido de ética, permanece durante todo o filme. A curiosidade em certos aspectos é o que conduz a trama. Ao vislumbrar um fato que possa ser noticiado, ele tenta de tudo para dar o furo e se tornar a referência naquele assunto. Essa personalidade é ressaltada quando ele chega ao local de uma chacina antes da polícia, entra na casa, faz filmagens, tenta entender como o crime ocorreu e descobre quem foram os responsáveis pela atrocidade.

O arquétipo é abarcado de formas diferentes nos filmes *Cidadão Kane* e *Quase Famosos*, onde os jornalistas tentam desvendar e retratar o acontecimento por meio de perguntas e entrevistas. O arquétipo é reforçado no paralelo com a profissão de detetive ou investigador, pelas características e habilidades que o jornalista assume em suas tentativas de conseguir material mais impactante e relevante para o público.

3.2.3 O Pária

Deve estar construída no imaginário popular a concepção de que, para ser um jornalista é preciso possuir um pouco de “loucura”. As representações da profissão nas telas de cinema quase sempre possuem um toque de insanidade que, em algumas ocasiões, serve como o fio que norteia a obra. Seja nos livros, séries ou outras produções que se enquadrem na chamada indústria de massa, há, nos jornalistas, alguma insensatez.

Essa característica não se faz presente apenas nas obras de ficção. Os indivíduos que optam pela profissão devem estar preparados para todas as adversidades e intempéries que possam surgir no desenvolvimento de uma reportagem ou matéria. Alguns desses obstáculos são vencidos apenas com atitudes drásticas e que cobram do autor uma dose de imprudência. Por exemplo, para cobrir uma guerra ou televisionar uma revolução é necessário coragem ou loucura? Até onde esses atributos se confundem?

Não é raro assistir vídeos mostrando jornalistas reais agindo de maneira controversas em situações extremas. Algumas cenas exibem atitudes que são totalmente fora do padrão estabelecido pela sociedade. Das características facilmente percebidas pelo público, essa,

por ter grande efeito gráfico e conceitual, é uma das que mais podem ficar guardadas na memória.

Medo e Delírio leva à tona um jornalista que se desprende das amarras sociais e se rendeu a certas possibilidades de escape do mundo real. Assim como nas outras profissões, uma parte dos indivíduos que trabalham com comunicação também sofre com a pressão do ofício e, ao se deparar com as barreiras psicológicas, físicas e sociais, recorre a um meio de fugir dessa situação.

Repetindo o comportamento do jornalista real em que foi inspirado, Dr. Thompson é enviado para Las Vegas com o objetivo de produzir uma reportagem sobre o *Mint 400*, uma corrida de motos no deserto, porém ele embarca em um mundo de drogas sem pensar nas consequências de suas ações. A matéria que ele estava incumbido de realizar é deixada de lado e o alvo de seus esforços é a manutenção do estado induzido em que se encontra.

A partir de então, o enredo é desenvolvido como uma alucinação constante que modifica as percepções do personagem e, em alguns momentos, do próprio espectador. Esse recorte incita no público a ideia de que o jornalista é um ser levado pelos impulsos e, em certas ocasiões, se comporta não com o objetivo de permanecer invisível e apenas relatando os fatos, mas como um indivíduo em processo de criação e desconstrução.

No entanto, a “loucura” do jornalista que constitui esse arquétipo e já faz parte do consciente coletivo da audiência não precisa vir, necessariamente, dos efeitos causados pelas drogas. Um dos mais frequentes tipos de jornalistas párias são os que aparecem nos filmes de guerra. As sequelas sofridas por esses personagens se enquadram na maneira como a obra quer retratar o conflito.

Em *Apocalypse Now*, por exemplo, o Fotojornalista, interpretado por Dennis Hopper, é um reflexo das atrocidades que a Guerra do Vietnã apresentou ao mundo. Os assassinatos, torturas, assédios e todos os crimes de guerra, principalmente os cometidos pelo Coronel Kurtz, estão representados na figura e nas atitudes do fotojornalista.

As ações do personagem, demonstrando receio, apreensão e obedecendo todos os comandos do Coronel retratam como ele está entregue ao sistema. O trabalho de levar os acontecimentos daquela situação para o povo é deixado de lado.

O estereótipo do jornalista pária é repetido em outras obras e, mesmo quando essa não é característica dominante do personagem ela se faz presente em algumas de suas atitudes.

3.2.4 O Questionador

Tradicionalmente o jornalista deve se portar como um representante do público, o intermediador dos fatos. Ele deve descobrir o que a sociedade quer e o que não quer saber. A obrigação de ser um dos responsáveis pela construção de um senso de mudança estimula o profissional a ser questionador, a perguntar o que ele acha fundamental e necessário.

Diferente do papel de investigador, que deve fazer um trabalho de detetive, o questionador deve fazer as perguntas que ainda não foram feitas. As perguntas que os entrevistados não querem que sejam feitas. Essa característica deveria ser inerente à profissão, porém muitas vezes é perdida com o tempo e a experiência.

O principal arquétipo atribuído aos jornalistas no filme *A Entrevista* é justamente o de Questionador, porém esse atributo é construído com grandes reviravoltas na trama. Recebidos por Kim Jong-Um, na Coreia do Norte, os jornalistas são obrigados a perguntar apenas o que o ditador deseja. Os tópicos que o coreano deseja abordar devem ser relacionados ao que ele quer mostrar ao mundo.

Essa entrevista, que poderia alterar o prisma daquela realidade, ia se transformar em propaganda para o governo do ditador norte-coreano. A situação fica ainda mais complicada quando o entrevistador estabelece uma relação de confiança com o entrevistado. Nesse ponto, o interesse do jornalista em manter o relacionamento é maior do que a vontade de cobrar esclarecimento sobre as injustiças e hipocrisias do país.

A importância que se dá a essa entrevista ganha proporções estratosféricas. Uma parte dos envolvidos e da audiência coloca grande expectativa. A revelação de um problema real e o debate com um ditador que chama a atenção do mundo e gera a possibilidade de uma mudança real nos âmbitos interno e externo. O público acredita essa entrevista pode criar uma nova perspectiva, apresentar ao povo local uma nova visão dos acontecimentos. Um novo ponto de vista, um novo retrato na realidade.

Ao se entrevistar alguém de suposta relevância mundial, diversos aspectos entram em jogo. A pressão imposta aos jornalistas pode ser uma carga grande demais para carregar.

No entanto, o jornalista consegue se redimir no final do filme ao fazer perguntas inconvenientes e necessárias. As respostas atribuídas a essas perguntas modificam os pensamentos da sociedade local e mundial. A propaganda gratuita que seria feita para o ditador perde o valor e o evento se torna um meio de questionamento e transformação social.

Em *Cidadão Kane*, o jornalista questiona pessoas do ciclo íntimo de Charles Kane para descobrir o significado da última palavra dita pelo magnata, com perguntas que, em certo momento, incomodam os entrevistados.

Em *Quase Famosos*, esse arquétipo é retratado de uma maneira talvez mais perturbadora. O jornalista estabelece diálogos com os integrantes da banda buscando capturar a essência, as motivações e as determinações dos músicos. Porém, eles se portam como se a imprensa tivesse o poder de colocar tudo a perder, transformá-los em vilões e acabar com suas carreiras.

O comportamento dos músicos, demonstrando receio pelo poder que o jornalista tem, reflete um posicionamento recorrente na profissão. A persistência de William Miller para conseguir sua entrevista e driblar as desculpas da fonte é uma característica fundamental para o bom jornalista.

Já em *O Abutre*, Louis Bloom demonstra o potencial da característica na criação do estereótipo. A composição do personagem questionando os envolvidos nas tragédias que ele apura levanta uma discussão sobre até que ponto essas perguntas podem ser feitas sem prejuízo à fonte. Quando aborda alguém que acabou de sofrer com algo tão impactante, essa fonte pode não responder de maneira correta e verídica. Além disso, o tipo de questionamento abordado nessa situação, em que há clara exploração da fonte, abre uma importante discussão sobre ética, questionado e criticado em toda a obra pelos produtores desse conteúdo.

3.2.5 O Idealista

Muitas vezes o ser humano acredita em um ideal e trabalha para que ele se realize. O jornalista também é um sonhador. Um visionário que, para concretizar um sonho transforma

sua vida e muda suas atitudes. O jornalismo pode ser utilizado para alterar a realidade e provocar mudança nos indivíduos. Partindo desse princípio, percorrem caminhos tortuosos, vencem obstáculos e lutam diariamente para promover uma metamorfose na sociedade.

No cinema, esse arquétipo se enquadra em vários personagens. Não apenas os jornalistas e profissionais de comunicação trabalham para promover uma utopia, tentando configurar o sistema base da situação. É comum diversos tipos de papéis serem encaixados na trama como visionários e sonhadores.

Dentro dessa especificação, pode-se encaixar Maddy Bowen, interpretada por Jennifer Connelly, em *Diamante de Sangue*. Cansada da situação dos oprimidos e das pessoas em situação de perigo e sem aparo, ela resolve agir em prol dos desvalidos. Em diversas ocasiões Maddy se coloca em perigo para proteger as vítimas do conflito que estava criado em Serra Leoa, inclusive interferindo no fluxo normal dos acontecimentos para dar melhores condições de vida e garantir a sobrevivência daquela população.

A todo momento sua ideologia é testada, principalmente pelo dinheiro envolvido e situações criadas. Porém se mantém firme e sem mudar suas atitudes, mesmo sofrendo represálias de autoridades e indivíduos com grande poder de influência; e no meio da guerra civil em um dos países mais perigosos do mundo.

Em *Cidade de Deus*, a situação de perigo e inconformidade diante de um contexto extremo se repete. Buscapé é o jornalista que tenta levar ao mundo a realidade que está acostumado, mas que o resto do mundo ignora e finge que não vê. Em meio ao fogo cruzado, às vezes literalmente, ele percorre os corredores e vielas da comunidade para tentar alterar a situação que está formada naquele local. É responsável por selecionar e definir o tipo de informação e os acontecimentos que vão sair da favela. O papel de intermediador do local com o resto do mundo é realizado quase inteira e unicamente pelo protagonista.



Figura 4 – Buscapé (Alexandre Rodrigues) fotografando a maior gangue da Cidade de Deus. Trecho retirado do Filme Cidade de Deus (Brasil, 2002)

Em um nível menor, esse jornalista utópico se repete no filme *Quase Famosos*. William Miller não é um indivíduo que tenta dominar o mundo, alterar uma situação ou algo tão utópico e grandioso. Ele é apenas um jovem que acredita tanto em uma causa que se esforça para promovê-la e espalhar esse ideal pelo mundo.

3.2.6 O Corrompido

Normalmente os acontecimentos e pessoas envolvidas em uma reportagem ou notícia são maiores que os jornalistas destacados para cobri-los. Assim, o efeito engrandecedor ou relacionado àquele prisma tem grande efeito de influência sobre o profissional.

Os jornalistas retratados nesse tópico apresentam a Síndrome de Estocolmo em um certo nível. Em *Apocalypse Now*, por exemplo, o *Fotojornalista* foi enviado em uma missão para apresentar e criticar os valores da Guerra do Vietnã e todos os acontecimentos que lá se passam. Aos poucos, porém, se rende ao poder de influência do Coronel Kurtz e se torna mais um membro daquela comunidade perdendo todo o valor como profissional imparcial do jornalismo.

A situação do personagem vivido por Denis Hooper é tão extrema que ele se torna mais um capataz do Coronel, vivendo sob suas regras, determinações e domínio.



Figura 5 – O Fotojornalista (Dennis Hopper) participando da recepção dos soldados do exército americano. Trecho retirado do Filme *Apocalypse Now* (EUA, 1979)

Em *O Diabo Veste Prada*, a personagem interpretada por Meryl Streep coloca em cena uma jornalista com síndrome de grandeza. As ações de Miranda Priestly sobrepõem os outros personagens colocando-os como inferiores. Ainda assim, ela tem a admiração de uma grande parte das pessoas à sua volta, que a colocam como ídolo, e inspiração.

No início, a única personagem que não sente essa necessidade e não a idolatra é justamente a protagonista. As críticas que faz a Miranda são constantes e ela tenta não se render ao poder que a líder apresenta. No entanto, com o tempo, Andrea Sachs (Anne Hathaway) se entrega ao mundo da moda e passa a agir com fascínio e busca seguir as dicas da chefe a todo custo. Um relacionamento logo se forma entre as duas e as atitudes de Andrea são baseadas no que Miranda considerar melhor.

Esse encanto se repete em *Quase Famosos*, com o protagonista se envolvendo fortemente com os integrantes da banda que ele deveria acompanhar e tentar retratar de maneira imparcial. Durante todo o longa ele é influenciado pelas fontes das mais diversas formas. A impressão dele e a forma como deve enquadrar aquela experiência para a redação da reportagem é afetada pelo contato diário e direto com aqueles personagens.

3.2.7 O Manipulador

Manipular é tratar um indivíduo ou grupo de pessoas como objetos, facilitando o controle sobre elas. A mídia frequentemente é acusada de seguir esse conceito para influenciar o público e decidir como agir diante de tal situação. Diversos estudos questionam se o trabalho realizado pela imprensa é o de informar ou manipular o cidadão e há inúmeros estudos que tratam do tema, tentando entender como essa manipulação é realizada.

O suposto controle do pensamento do público pela mídia se reflete na atuação do jornalista. Responsável pela transmissão de notícias e por informar a sociedade, muitos profissionais abusam de artifícios como a linguagem, a sedução e a conquista, para alcançarem os seus objetivos e levarem os fatos ao público, de maneira ética ou não.

Em *O Abutre*, Louis Bloom (Jake Gyllenhaal) apela para habilidades com o objetivo de influenciar, dominar todas as pessoas que estão em seu caminho e conseguir uma boa matéria. Essa característica do personagem é percebida em diversos trechos da trama. Por exemplo, o poder que o jornalista tem para influenciar o “estagiário” que trabalha com ele e o obrigar a fazer tudo o que deseja, inclusive arriscar a própria vida. A capacidade de manipulação de Bloom se repete em diversas situações, como a influência que exerce sobre Nina Romina (Rene Russo), a editora do jornal que recebe as imagens feitas pelo protagonista.

No entanto, um dos momentos em que a manipulação do personagem mais se destaca é quando ele modifica toda uma estrutura de investigação para conseguir alcançar um objetivo. Após presenciar uma chacina ele deixa os bandidos escaparem, não os denuncia para polícia e, pelo contrário, omite e mente para os investigadores. Após essa sucessão de fatos ele persegue os criminosos e cria toda uma situação para que o seu planejamento dê certo e consiga boas imagens. O que resultou, como efeitos colaterais, na morte de diversas pessoas, incluindo inocentes e seu parceiro de profissão.

Esse arquétipo relacionado à manipulação é repetido em personagens de diversos tipos. No filme *Diamante de Sangue*, Maddy Bowen, (Jennifer Connelly) recorre a sedução diversas vezes para conseguir tirar do protagonista as informações que ela deseja. Maddy aposta em seus atributos físicos e sua capacidade de exercer o fascínio para atrair a atenção e apurar os fatos.

O poder de manipulação de Miranda Priestly em *O Diabo Veste Prada* é percebido todo o tempo. No entanto, em uma situação específica, a habilidade de manipulação e influência de Andrea Sachs se destaca. Quando a protagonista precisa conseguir um livro a pedido de sua chefe, ela, depois de tentar exaustivamente, recorre ao personagem Christian Thompson (Simon Baker), um jornalista e escritor com importantes contatos em Nova York e que estava interessado em se relacionar com a personagem.

4 Conclusão

A reflexão que se fez sobre os jornalistas mais representativos do cinema para o público atual comprova a velocidade com que as tendências e percepções da sociedade com a profissão são atualizadas. As composições do personagem são modificadas de acordo com a temática e o contexto que ele está inserido. No entanto, essas representações tendem a corresponder aos arquétipos e à imagem estabelecida no inconsciente coletivo.

Ou seja, ao criar um personagem e desenvolver uma trama, o realizador estará utilizando narrativas construídas em sua percepção e nas características já desenhadas em seu consciente. Assim, o personagem é estabelecido levando em consideração o padrão de probabilidade de comportamento do jornalista. O encontro desses arquétipos com a sustentação elaborada pelo roteiro vai dar conteúdo a trama e fundamentar a história.

As impressões podem ser percebidas, por exemplo, no jornalista investigativo. Responsáveis pelo caso Watergate, um dos exemplos mais famosos e relevantes para a profissão, os jornalistas do *Washington Post*, Bob Woodward e Carl Bernstein, representados no filme *Todos os Homens do Presidente* por Robert Redford e Dustin Hoffman respectivamente, estão em um contexto completamente diferente do presenciado por Maddy Bowen (Jennifer Connely) em *Diamante de Sangue*. Apesar de viverem em épocas, situações e contextos diferentes, as características e elementos primordiais que compõe a essência dos personagens como objetos da ação permanecem.

No caso do jornalista que possui o arquétipo manipulador também há variações na estrutura, temática e proposta, mas o “estereótipo” está pré-definido. É o paralelo que se faz entre o filme *A Montanha dos Sete Abutres*, de 1951, e *O Abutre*, de 2014, onde os personagens principais, mesmo vivendo em épocas e situações diferentes apresentam características semelhantes. Charles Tatum (Kirk Douglas) e Louis Bloom (Jake Gyllenhaal) atuam como “donos da notícia”, investigando fatos e veiculando acontecimentos de acordo com os seus interesses e ambições pessoais.

Esses arquétipos e atualizações no conceito e características do jornalista tendem a interferir na percepção do público sobre a profissão e exercer influência no trabalho dos comunicadores. Principalmente pelo impacto e influência do cinema, que é sentido até os dias de hoje. Como uma via de mão-dupla, o profissional de imprensa enxerga no cinema um modelo a ser seguido, do mesmo modo que o responsável pelas produções audiovisuais buscam inspirações na vida real para compor seus personagens. A noção

moderna do jornalista sofre alterações, mas permanece respondendo às expectativas e anseios pré-estabelecidos.

O arquétipo definido e apresentado em uma obra cinematográfica pode se tornar a única forma visível que a audiência entende e conhece determinada ocupação. O cinema pode glamourizar e popularizar a atividade, mas pode causar malefício ao determinar as virtudes, princípios e comportamento baseado pura e unicamente nos desejos dos produtores. É o caso do jornalista, onde o personagem é definido pelas características que ele exerce enquanto atua na realização do seu trabalho. Sem espaço para dualidades e realizando a função de dar suporte ao roteiro.

Foi sem dúvida em virtude dessa exigência de simplificação que a economia formal dos gêneros introduziu no cinema personagens pouco individualizadas, sem profundidade ou, no dizer de Thomas Sobchack, desprovidas de self. Concebido segundo esta mesma concisão que nos deu, igualmente no contexto urbano, o policial, o gângster e o detetive, o jornalista criado no cinema também foi desprovido de consistência psicológica e de história de vida, sendo apresentado, como estes seus companheiros, sob uma única face: aquela que leva em conta o desempenho de uma função, de onde são extraídas as poucas características e qualidades capazes de assegurar o seu reconhecimento como mais um habitante do mundo ficcional. Captado originalmente na imprensa escrita, e frequentemente um repórter em virtude da sua maior familiaridade com a ação, a personagem do jornalista no cinema reduziu-se quase sempre a esta simplificação do estereótipo, comparecendo no filme apenas como detentora de uma função, cujo desempenho era capaz de propiciar o desenvolvimento da trama nos moldes hollywoodianos. (SENRA, 1997, p 45-46)

Esses arquétipos obedecem uma tendência e podem ser classificados em dois tópicos gerais: O herói e o vilão. A partir dessa classificação eles se desenvolvem e se ramificam nos arquétipos estabelecidos nessa monografia. Não necessariamente o jornalista precisa se enquadrar em apenas um arquétipo. Ele pode ser, por exemplo, um pária-investigador ou idealista-questionador.

Atualmente, o cinema é um dos principais propagadores de uma ideia, conceito, comportamento ou personalidade. A variedade de composições e interpretações da profissão no cinema indicam que o jornalista tem respaldo na sociedade, mas que a credibilidade dele não é a principal característica presente. As representações do personagem nos filmes *O Abutre* e *A Entrevista*, os mais atuais da lista analisada, apontam que o descontrole ético da imprensa está em voga. Dos 10 filmes utilizados para a realização deste trabalho e escolhidos a partir dos critérios de relevância para o público,

nenhum apresenta apenas jornalistas ilibados e que não quebram a barreira ética para retratar um acontecimento. Os mais próximos disso, por exemplo, em algum ponto recorrem a uma ação questionável para realizar seu trabalho.

Por essa tendência a representar o jornalista ser variável, é possível levantar a hipótese de que essa interpretação é feita por ondas e depende da percepção do público e dos produtores sobre a profissão. Por exemplo, em determinados períodos e contextos, o arquétipo do manipulador está mais em voga e é repetido na maioria dos filmes que tratam o tema, em outros, o jornalista idealista é o mais lembrado pelos produtores e audiência.



Figura 6 – Louis Bloom (Jake Gyllenhaal arrastando um corpo para alterar uma cena em benefício próprio. Trecho retirado do Filme O Abutre (Nightcrawler, EUA, 2014)

Em *Cidade de Deus*, Buscapé (Alexandre Rodrigues) utiliza a câmera que ganhou de um criminoso para trabalhar e, em um dilema ético, escolhe a foto menos comprometedora para colocar na capa do jornal. Em *Homem-Aranha*, J. Jonah Jameson (J. K. Simmons) escolhe o tratamento que o jornal vai dar para cada notícia, sem se preocupar diretamente sobre como os fatos ocorreram; Peter Parker (Tobey Maguire) só consegue o emprego porque ele mesmo é o homem-aranha e é o único que consegue fazer as próprias fotos. E mesmo em *Diamante de Sangue*, Bowen ajuda Solomon Vandy (Djimon Hounsou) e sua família a fugirem do país e a vender o diamante para um comprador corrupto, recorrendo, ainda, à câmera escondida e omitindo uma situação para conseguir a reportagem.

Apesar disso, pela variedade de personagens diferentes e a quantidade de filmes tratando o tema surgindo diariamente, é possível concluir que a atividade do jornalista ainda não é uma concordância unânime. Há várias formas de interpretações e representações que abrem o debate sobre como a atividade está sendo enxergada por pessoas que não estão diretamente ligadas ao meio.

Por exemplo, o jornalista que trabalha por amor a profissão e vocação, como William Miller (Patrick Fugit) em *Quase Famosos*, que exhibe interesse pela música e utiliza seu talento para fazer a divulgação musical do período; ou Dave Skylark (James Franco) e Aaron Rapoport (Seth Rogen), de *A Entrevista*, que enxergam no jornalismo a oportunidade de ficarem famosos, importantes e, em primeiro momento, pensam na comunicação apenas como uma forma de se promoverem. Há, também, Andrea Sachs (Anne Hathaway) no filme *O Diabo Veste Prada*, que possui paixão pela atividade, mas se mostra decepcionada com o ofício utilizado para “vender futilidade sem provocar uma mudança significativa”. Já Peter Parker, em *Homem-Aranha*, apesar de possuir características intrínsecas da profissão, só a realiza para sobreviver e criar um disfarce para sua outra ocupação.

Diante desta perspectiva do cinema, que é um dos principais responsáveis por construir um consenso social na população, colocando o jornalismo como temática frequente e o profissional de imprensa como personagem atual, estudar o arquétipo do jornalista no cinema é estudar o próprio jornalismo e a atividade do jornalista na sociedade.

5 Referências Bibliográficas

5.1 Livros

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Editora Pensamento LTDA, 1949.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Editora Nova Fronteira, 2006.

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro - Os fundamentos do Texto Cinematográfico*. Editora Objetiva LTDA, 1982.

JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e O Inconsciente Coletivo*. 2ª Edição. Editora Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. Editora Vozes, 1978.

MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. Editora Paulus, 2007.

SENRA, Stella. *O Último Jornalista – Imagens de Cinema*. Editora Estação Liberdade, 1997.

5.2 Artigos e monografias

AMBRÓSIO, M.; GAVIRATI, V.; SIQUEIRA, G. Cinema e Jornalismo: Uma Análise da Representação da Prática Jornalística em Filmes. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, XIII, Belém, 2014.

DÁVILA, Letícia Pimenta. *A Imagem da Notícia: o jornalismo no cinema*. 2003. Dissertação (Bacharel) – Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2003.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. Quadrinhos e jornal: uma correspondência biunívoca. [Trabalho apresentado no 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2002 – Mídia Brasileira: 2 séculos de história. GT3: História da mídia visual]

GONZAGA, Luiz. *Resumão: Constantin Stanislavski – A construção do personagem*. Artigo publicado em 2010. Disponível no link: <http://luiz.in/2010/12/22/resumao-constantin-stanislavski-a-construcao-do-personagem/>. Acesso em: 06/07/2015.

ROSA, Rachel Bezerra Abrantes. *O Personagem Jornalista na Visão Cinematográfica da Década de 90*. 2006. Dissertação (Bacharel) – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro de Ensino Unificado de Brasília. Brasília, 2006.

SARGENT, James D.; TANSKI, Susanne; STOOLMILLER, Mike. *Influence of Motion Picture Rating on Adolescent Response to Movie Smoking*. American Academy of Pediatrics. Julho, 2012.

KANNO, Maurício de Paula. *Jornalismo nas histórias de super-heróis: Os quadrinhos de Clark Kent e Peter Parker*. 2006. Dissertação (Bacharel) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

TRAVANCAS, Isabel. *Jornalista como Personagem de Cinema*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação XXIV, 2001, Campo Grande, 2001.

5.3 Internet

Amnesty International. *Did Someone Die for That Diamond?* Disponível em < <http://www.amnestyusa.org/our-work/issues/business-and-human-rights/oil-gas-and-mining-industries/conflict-diamonds>> Acesso em: 26/10/2015

BBC Trending. *Sony cancela estreia de filme; medida é 'covarde' ou prudente?*

Disponível em: <

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141218_theinterview_sony_hackers_pai> Acesso em: 18/08/2015

BBC. *Polêmico filme 'A Entrevista' estreia em cinemas americanos*. Disponível em <

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141225_entrevista_exibicao_sony>

Acesso em 18/08/2015

BBC. *War epic Apocalypse Now tops UK film critics poll*. Disponível em: <

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/8388124.stm>> Acesso em 28/08/2015

BORG, Érico. *Apocalypse Now eleito o melhor filme dos últimos 25 anos*. Disponível

em: < <http://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/iapocalypse-now-eleito-o-melhor-filme-dos-ultimos-25-anos/#.UxplbYWhbhc>> Acesso em 28/08/2015

FILHO, Francisco Alves; MAGNO, Carlos. *Identidade Revelada*. Disponível em: < <http://www.istoe.com.br/reportagens/detalhePrint.htm?idReportagem=21469&txPrint=completo>> Acesso em 15/08/2015

G1. *Café em Paris atrai turistas fãs do filme 'Amelie Poulain'*. Disponível em: < <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/08/cafe-em-paris-atrai-turistas-fas-do-filme-amelie-poulain.html>> Acesso em 24/08/2015

GLOBO. *Cidade de Deus*. Disponível em: < <http://cidadededeus.globo.com/>> Acesso em 13/08/2015

GUTIERREZ, Lucas. *'O Abutre' é mais que um filme sobre o jornalismo moderno*. Disponível em: < <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-abutre-e-mais-que-um-filme-sobre-o-jornalismo-moderno/>> Acesso em 14/09/2015

Jaime Gonzáles. *Por que a história do filme 'A Entrevista' revoltou a Coreia do Norte?*. Disponível em: < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141222_enredo_theinterview_coreia_rs.shtml> Acesso em: 18/08/2015

JANG, Se Young. *The Causes of the Sierra Leone Civil War*. Disponível em: < <http://www.e-ir.info/2012/10/25/the-causes-of-the-sierra-leone-civil-war-underlying-grievances-and-the-role-of-the-revolutionary-united-front/>> Acesso em 29/08/2015

MEIRA, Isabela Meira. *Carl Jung: Introdução à Arquétipos e Inconsciente Coletivo*. Disponível em: < <http://www.psicosmica.com/2014/12/introducao-arquetipos-e-inconsciente.html>> Acesso em 14/10/2015

MEMÓRIA GLOBO. *O Caso Tim Lopes*. Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-caso-tim-lopes.htm>> Acesso em 15/08/2015

NEEDHAM, Col. *IMDb History*. Disponível em: < http://www.imdb.com/help/show_leaf?history> Acesso em 15/07/2015

NOGUEIRA, Kiko. *Não assista antes de consultar: como o IMDb se tornou um dos sites mais influentes do mundo*. Disponível em: <

<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-assista-antes-de-consultar-como-o-imdb-se-tornou-o-site-sobre-cinema-mais-influente-do-mundo/>> Acesso em 16/07/2015

REUTERS. Estreia: *Jake Gyllenhaal encarna repórter amoral em 'O Abutre'*. Disponível em: < <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/12/estreia-jake-gyllenhaal-encarna-reporter-amoral-em-o-abutre.html>> Acesso em 14/09/2015

ROBISON, Bryan; ABC NEWS. *Why Spider-Man Is Popular*. Disponível em: < <http://abcnews.go.com/Entertainment/story?id=101230>> Acesso em 22/08/2015

STABOLITO, Ricardo Junior. *Blog Jornalismo e Cinema: a representação do jornalista e do jornalismo no cinema norte-americano da década de 2000*. Requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Jornalismo e Convergência Midiática, Faculdade Social da Bahia (FSBA). Disponível em: < <https://jornalismoecinema.wordpress.com/quase-famosos/analise/>> Acesso em 12/10/2015

STOOLMILLER, M.; WILLS, T.A., MCCLURE, A.C.; TANSKI, S.E., WORTH, K.A., GERRARD M.; SARGENT, J. M. *Comparing media and family predictors of alcohol use: a cohort study of US adolescents*. British Medical Journal Open. Fevereiro, 2012. Disponível em < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3289988/>> Acesso em 20/07/2015

TERRA. *Monólogo de 'Apocalypse Now' é o melhor do cinema*. Disponível em: < <http://cinema.terra.com.br/noticias/0,,OI246966-EI1176,00-Monologo+de+Apocalypse+Now+e+o+melhor+do+cinema.html>> Acesso em 28/08/2015

VELLOSO, Beatriz. *O triunfo da aranha*. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT750066-1661,00.html>> Acesso em 22/08/2015

VITÓRIO, Gabrielle Santelli; COELHO, Leonardo dos Santos. *Como o jornalismo é representado no cinema hollywoodiano no filme Cidadão Kane*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIV, 2011, Pernambuco, 2011.